

Biblioteca Pública
JORGE LACERDA
Prefeitura Municipal de Armazém

Pe. Bernardo de Claraval Emmendoerfer SCJ

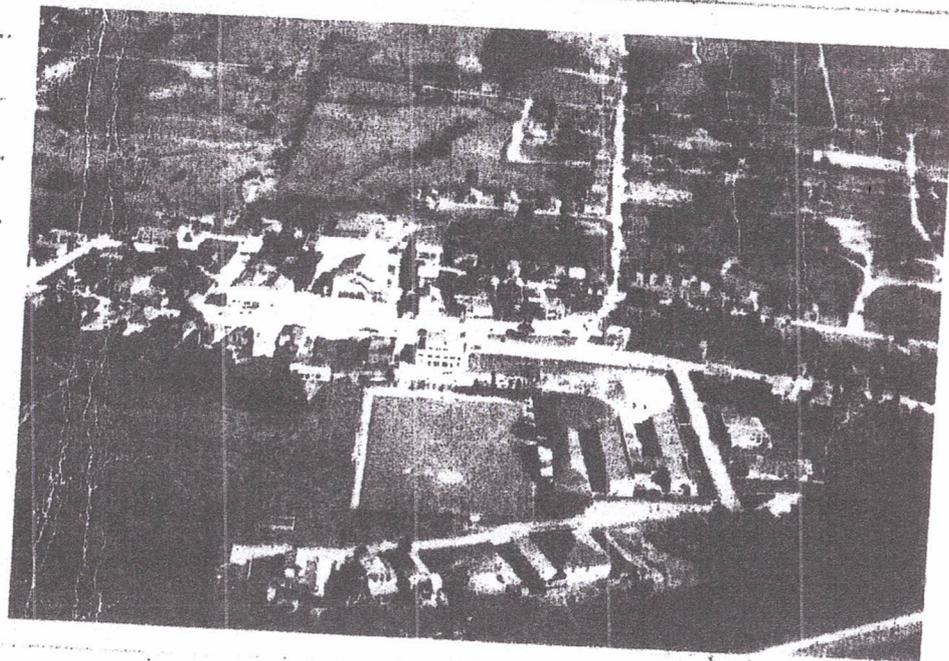
Nasceu em Gaspar-SC, aos 17/08/11
Criou-se em Jaraguá do Sul, desde 1912
Ordenado em Taubaté-SP, aos 30/11/38
Em Taubaté - 4º ano de Teologia

Trabalhou em:

Varginha-SC - 16 anos
Tubarão-SC - 1 ano
Jabaquara-SP - 1 ano
Vila Maria-SP - 4 anos
Taubaté-SP (teologado) - 4 anos
São Bento do Sul-SC - 13 anos
Botuverá-SC - 5 anos
Presidente Nereu-SC - 3 anos
Armazém-SC 1986 ...

Armazém e sua história

Fig. 30
Armazém



Pe. Bernardo de Claraval Emmendoerfer SCJ

ÍNDICE

Prefácio	3
A Terra	5
Os Bugres	7
Caboclos e Sesmeiros	8
O Porto de Gravatal	9
Armazém	13
Capivari	14
O Rio Capivari	14
Os Primeiros Moradores	15
Sobrevivência	16
Vias de Comunicação	16
A Colonização	18
A migração dos Alemães pelo Vale do Capivari	19
Alemães em Armazém	21
Visão Política-Administrativa	21
Emancipação Política	24
Hino de Armazém	29
Mapa-Região Sul	31
Mapa Hidrográfico	32
Mapa-Estradas	33
Aspecto Religioso	34
Paróquia de Armazém	34
Aspecto Social	45
O Ensino Atual do Município	47
Saúde	49
Assistência Social	51
Comunicação	51
Cultura	52
A Volta ao Sertão	54
O Brasão	55
A Bandeira	56
Economia	56
Agropecuária	56
Comércio	57
Transportes	58
Indústria	59

Riquezas Minerais	61
Bom Jesus	63
Morro de Fátima	64
Peroba	64
Sanga Morta	65
São José dos Macacos	66
São Geraldo	67
Aspecto Físico	68
Posição Geográfica	68
Limites	68
Clima	69
Hidrografia	69
Demografia	70
As famílias residentes em Armazém	71

Armazém e sua História

Pe. Bernardo de Claraval Emmendoerfer SCJ

PREFÁCIO

Quando chego a uma cidade ou a um lugar, procuro conhecer a sua origem, como se deu o seu nascimento ou descoberta e o seu desenvolvimento. Sempre gostei de história e desejo tomar conhecimento de toda a região, onde me demoro por alguns anos.

Foi assim que me interessei pela história de Armazém. Cheguei aqui em 3 de fevereiro de 1985 e logo fui captando dados referentes ao passado deste povo tão amigo e acolhedor. Aos poucos consegui agrupar declarações orais e escritos de valor.

Ajuntando e catalogando tudo isto, encontrei importantes trabalhos como o "Vale do Braço do Norte" de Pe. João Leonir Dall'Alba, a "Monografia" de Pe. Domingos Pereira Rodrigues, filho desta terra, e "Armazém Cidade Amiga", composição e redação das professoras Mônica Philippi Cardoso e Regina Steiner da Silva. A Monografia Pe. Domingos a escreveu, no tempo em que era aluno da Faculdade de Filosofia de Brusque, e foi orientado nesta obra pelos professores Pe. Valberto Dircksen SCJ e Sr. Emiliano Stolf.

Hoje tenho a satisfação de apresentar um conjunto de esforços, que chamamos de "História de Armazém".

É bom registrar os dados anteriores, enquanto é tempo, pois se isso não acontecer, as fontes vão se extinguindo e ninguém mais beberá das águas passadas.

A TERRA

Pe. João Leonir Dall'Alba

A floresta dominando tudo. Árvores multisseculares sobressaindo ao emaranhado da vegetação subtropical. Abundância de águas, flora exuberante, fauna rica e variada a desenvolver-se neste ambiente propício. Feras carnívoras, pumas, leões, onças, jaguatiricas alimentavam-se na fartura, disputando aos índios botocudos, antas, capivaras, pacas, porcos do mato, veados mateiros, cutias, tatus e lagartos. Guarachains, gambás, mãos-peladas, à noite atacavam os poleiros dos urus, macucos, jaús, inhambus, jacus, jacutingas, jacucacas, aracuãs, tucanos, marrecos, pombos e sabiás. No espaço celeste revoados de rolas, papagaios, tirivas, periquitos, fugindo a mil aves de rapina. Nas copas dos pinheiros e das fruteiras macacos, bugios, quatis, em bando infintos, alimentavam-se dos frutos variados da mata. Jararacuços, quatiaras, cascavéis, caninanas, serpenteavam à cata de ratos e rãs. Ainda quero-queros, pica-paus, bem-te-vis, tico-ticos, colibris vivendo de sementes e insetos. E tamanduás acabando com as formigas. E besouros, lagartas, borboletas, abelhas, moscas, mosquitos, louva-deus, libélulas, vivendo de que? E a floresta, ora florida, ora com frutos, com sementes nascendo, com troncos secos caindo, a abrigar o cotidiano grande drama da vida, num surgir e morrer sem descanso. Seria mais tranquila a vida em nossos rios? Cascudos, trairas, carás, lambaris, sardas, badejos, jundiás, bagres e carpas, fugindo às lontras, aos cágados, às colhereiras e garças que aos milhares espreitavam nas margens e lagedados.

Por mil e mil anos assim fora a vida depois que os cataclismas das eras primevas haviam assestado a Serra ao longe e o vulcão do Rio Pinheiros de Anitápolis lançara das entranhas da terra minérios valiosos, por vasta região. As primeiras florestas, foram submersas pelas lavas e lodos, formaram espessos estrados de carvão petrificado. Depois veio a nossa floresta, os grandes sáurios cedaram lugar a nossos animais.

Passaram milhões de anos. Veio o homem. Quando? Há dois mil anos? Há mil? Há vinte mil? Índios, bugres, botocudos, guaranis, xoklengs, kaingangs... que importa? Homens, inteligentes, imortais, cruéis. E as lutas entre as tribos quem as escreverá? E os feitos dos nobres guerreiros? As histórias de amor na floresta? E as experiências religiosas? E as tradições das tabas? E como chamavam à terra, Pindorama?

Depois veio o branco preando o índio. As bandeiras vicentinas e lagunenses teriam se aventurado rio acima até nosso vale, até os contrafortes da Serra à cata de ouro, de minas, de índios?

Depois teria mesmo vindo o jesuíta, fugindo às iras de Pomal e dos preadores de índios paulistas, esconder tesouros de ouro e prata, trinta, quarenta cargueiros, no Morro da Igreja? De onde? Porque nesta Serra?

Depois... Bem, talvez algum cabloco, algum negro fugido aos senhores de escravos da Laguna. Depois o tropeiro dos Campos de Lages, com as tropas e o gado, rumo a Laguna, pela picada barrenta coleada entre cem quilômetros de florestas.

Depois, há cem anos, o povoador ilheu, o imigrante europeu.

OS BUGRES

Quem é que conhece mesmo a história antropológica da nossa região? O padre Roehr, dos Sambaquis? O professor Coelho dos Santos do Museu de antropologia? Hipóteses. Inícios de estudos.

Havia os índios das costas? "Não só não são antropófagos, mas tem mais razão e humanidade que as outras tribos". O missionário Jesuíta teria feito delas um povo culto, como nos Sete Povos das Missões. Eram da nação dos carijós.

Mas logo veio o colono de São Vicente dar-lhe caça, escravizá-lo. Logo no início da colonização. Já em 1567 o cacique Tatarana faz reclamações contra as violências dos portugueses, ao padre Domingos Garcia, em Laguna, mas outro Cacique, Tuba-nharon-, pai-cruel, vende seus súbditos em troca de cachaça e missangas.

Em relatório de 1939 nem se fala de carijós. Os civilizadores cristãos haviam acabado sua obra de extermínio. Não restavam carijós.

Os índios de nossas matas eram carijós. Entre o litoral e a Serra viviam os Bugres, Xoklengs, Botocudos, Aweikomas, nomes esses para indicar os últimos senhores primitivos de nossas terras.

Sempre houve algum contato sangrento de parte a parte entre bugres e açorianos na região praieira, entre bugres e serranos, nos campos de Lages. Ali não era o habitat tradicional dos Xoklengs, nômades caçadores de Serra abaixo. Lá só iam para incursões de caça, ou à procura de pinhões no inverno. Embatiam-se, às vezes, nos Kaigáns da região de Campos Novos, que também faziam incursões pelos Campos de Lages. A extração da erva mate e a criação de gado trouxe o branco a estas paragens. Aqui afugentou ou exterminou o autóctone.

Os Xoklengs sofreram uma bárbara campanha de extermínio encurralados que ficaram entre o fogo das pistolas dos serranos e das espingardas dos colonos. Os parabelos e facões dos bugreiros foram depois completar a obra de sangue.

Para proteger os colonos alemães contra os ataques dos bugres constituíram-se, em 1836, as "Companhias Pedestres", que realizaram no Vale do Itajai, legalmente, o que nossos bugreiros fizeram mais ou menos à revelia das autoridades. O certo é que o governo financiou muitas "expedições punitivas".

Só em 1914 teve início a pacificação dos Xoklengs do alto Vale do Itajai, quando foi criada oficialmente, no atual município de Ibirama, a Reserva Duque de Caxias. 15.000 hectares de boas terras foram reservadas para os índios que ainda restavam.

Foi difícil a aproximação inicial pelos agentes da Funai. Por volta de 1926 já eram uns mil os botocudos lá concentrados. Para facilitar a aculturação, para lá foram encaminhados índios guaranis. Mas as duas tribos não chegaram a conviver e o resultado foi o contrário do que se esperava: em vez de transmitir seu habitual espírito de laboriosidade, os guaranis tornaram-se tão indolentes e relaxados quanto os botocudos. Mesmo por falhas de direção e orientação, os resultados até agora obtidos não são muito alentadores. Os Xoklengs tirados de seu habitat natural e inscritos prematuramente em nossa civilização, perderam suas tradições e não encontraram estímulo suficiente para progredir além do estágio inicial em que se encontram. Mesmo em número vão diminuindo, contando-se agora talvez menos de duzentas pessoas. O que se conseguiu foi criar uns seres marginalizados, acabocladados, eles que foram o terror das florestas. Certo, ao menos não tiveram o fim violento que tocou aos nossos Xoklengs, nas mãos de bugreiros e colonos inescrupulosos. Porque em nossos vales nunca foi feita qualquer tentativa séria de pacificação. Só destruição pura e simples. Genocídio total.

CABOCLOS E SESMEIROS

Pe. João Leonir Dall'Alba

Desde os primeiros anos do século passado, para as bandas da confluência do Rio Bonito, logo abaixo de Braço do Norte havia uma sesmaria do Coronel Gaspar Xavier Neves, parente do fundador de Santo Amaro, que era Moço Fidalgo da Casa Imperial, Comendador da Ordem da Rosa. A sesmaria estendia-se do Capivari ao Braço do Norte. Mas, se foi o primeiro dono das terras no vale, o certo, é que aqui não morou. Diz o engenheiro Schlappal que estas terras foram deixadas em mata, também pelos herdeiros.

Primeiro morador do vale, na confluência com o Tubarão na margem direita, foi Francisco Rabello. Em 1839, pouco mais ou menos, requereu meia légua quadrada, isto é, 1500 braças de frente, por 3000 de fundo. Requereu ao mesmo tempo com o Sr. Pedro Miranda (na margem do Tubarão), e foi-lhe concedida ao mesmo tempo. Ele entrou e cultivou ao mesmo tempo. A primeira marcação foi em seu tempo. Foi medida judicialmente em 1861, isto é, 22 anos depois que requereu as terras. Primeiramente pediu o rumo NE, como

divisão entre ele e o Miranda. Porém, quando feita a medição judicialmente, pediu mudança para o Norte, e assim foi demarcada. Rabello gastou um conto de réis nessa medição judicial. Morreu em 1871, mais ou menos. Deixou a viúva que mora ainda na mesma terra. Deixou também quatro filhos: João, casado; Joaquina, casada com um francês de nome Tomás; Antônio de Meio, casado; Maria casada com Jesuino Gordo. A partilha entre esses herdeiros está feita e cada um está de posse de sua terra. Isto foi escrito em 1881. (Documento n° 6-81). Estas terras confinavam com o primeiro lote da colônia alemã.

A tradição coloca como primeiro morador no vale o famoso Manoel Guerrilha.

O PORTO DE GRAVATAL

Pe. João Leonir Dall'Alba

Para a história do Vale do Braço do Norte local que teve influência econômica decisiva foi o Gravatal, o Porto de Gravatá. O Porto. Quem hoje passa pela moderna rodovia nem pode supor que o vale já tenha tido necessidade de um porto para escoamento de seus produtos, nem que o canal de águas estagnadas de agora outrora tivesse sido a mais importante via de comunicação desse hinterland. Para o Porto convergiam as tropas dos serranos, os cargueiros dos colonos do Grão Pará, os carros de boi da redondeza. Os imigrantes vinham de canoa assim como todos os produtos de fora. Alguma documentação antiga já foi apresentada no livro de história de Orleans. Outra já foi ou será apresentada neste livro. A todo momento encontrar-se-ão menções das pessoas mais antigas por nós entrevistadas. É justo portanto que dediquemos alguma página a este centro polarizador da economia.

Na Prefeitura Municipal consegui estes dados: "O povoamento do território que consiste atualmente o Município de Gravatal, foi uma consequência natural da colônia de Santo Antônio de Laguna. João Martins de Souza, foi um dos fundadores, era filho de portugueses Euclides Martins de Souza e Joana de Souza. Sua esposa era índia, e tomou o nome de Tomázia Martins de Jesus. O pai de João Martins veio de Portugal para o Rio de Janeiro, enquanto que este veio para Laguna, o município situado no sul do Estado, que era naquela época denominado Santo Antônio dos Anjos. Em 1842, João Martins de Souza veio para "Gravatá", nome primitivo de Gravatal.

Aqui estabelecido requereu muitas terras e nelas fez grandes lavouras de mandioca e cana-de-açúcar, tendo construído dois engenhos

e dois alambiques. Construiu várias estradas para carros de boi que serviam para transportar os seus produtos para Tubarão, ou então servia-se do rio, por canoas para transportar estes produtos para Laguna. João era católico, inteligente, honesto, tinha família numerosa e 12 escravos. Com a abolição dos escravos, estes permaneceram na localidade, pois João deu-lhes terras. Foi construída uma capela de São Sebastião, que ainda hoje serve para os cultos religiosos, e já tinha planejada a construção de uma igreja do Sagrado Coração de Jesus. Com a morte de João Martins de Souza, sua esposa doou a terra e foi erguida a igreja do Sagrado Coração de Jesus, e com isso vieram juntar-se a eles outras famílias, tais como: Pedro Neves, João Fernandes Lima, Roque Sá e também o Coronel Nicolau Corrêa de Andrade, que prestou grandes serviços à comunidade.

A colonização estrangeira foi introduzida nos anos de 1880 a 1885, com a chegada de alemães, tais como: Jacob May, Adolfo Kindermann e José Knabben. A colonização Italiana chegou mais tarde, por volta de 1910, em que se destacaram os Senhores Pedro Zappellini, Estêvão Grasso.

Fundaram uma colônia, até hoje existente, denominada de São Miguel. Vencidas as primeiras dificuldades, iniciaram-se as lavouras e o comércio, começando assim a desenvolver-se a pequena vila. E o Porto? Quase nem menção. Mas lá estava um dos últimos canoeiros filho do dono do Porto, Manuel Martins de Souza, 86 anos: "Os primeiros moradores daqui todos tinham escravos para manter os engenhos de cana. Negros da costa era o que mais dava por aqui. Donos de engenho eram o velho Roque Sá, Manoel Pedro das Neves, o Madalena, O Capitão Vasco Fernandes, morador do Travesão e autoridade na região. Dono das Águas Termais, mas que ninguém conhecia ainda, era o Nicolau Agostinho, dono de escravaria grande, "Sinhô" dos brabos. Metia-lhes relho sem dó. Conheci o Pedro Camboio que tinha sido escravo dele. Desde criança era obrigado a carregar pesados balaios de mandioca, lá dos morros, até o engenho. Foi tanto peso que entortou as pernas e cresceu assim, de pernas arqueadas. Mas quando eu o conheci era já negro forro. Lembro que os negros celebravam com festejo o dia da alforria, 13 de maio.

Meu pai, José de Souza, era o dono do porto. Herdara da mãe. Era aqui mesmo onde moramos. Estabeleceu-se com bodega e um paiol coberto de telhas e bem fechado, para o depósito de mercadorias. O Zé Claudio Santana, de Braço do Norte também tinha um paiol mais longe um pouco. Os Pinho alugaram o paiol do Jacó May.

No porto não havia trapiche. Só barranca do rio, onde atracavam as canoas. Era ali mesmo, na ponte de ferro. Em parte foi aterrado pela estrada. O rio tinha muita água, agora toda a região

foi dragada e mal sobra um corregoquinho, pois o canal aberto desviou as águas lá para longe. Mas foi preciso. Em época de enchente esta vargem se transformava num grande mar. Levava meses para baixar as águas.

O rio Capivari tinha muita tranqueira, tocos, madeira, que era preciso prática para desviar. Não havia estradas de carro de boi para Tubarão e Laguna. Só uma picada para cargueiros. Por isso o movimento era de canoas. Essas eram grandes, 10 ou 12 metros por 1,50 de largura, para carga de 60, 80 até 100 sacos. Canoas de convés ou coberta, nos 2 metros de frente de proa e nos 2 da popa. No meio ficava a boca da escotilha, 5 e mais metros, para carga. Essa era coberta por uma lona. Ao longo das beiradas havia uma tábua para os remadores passarem. Eram canoas de canela, peroba ou cedro. Havia estaleiros, grandes galpões onde os carpinteiros especializados trabalhavam. Bons eram o Luciano e o Pedro João de Matos, que fez barcos até de vela. Iam no mato, escolhiam um pau, derrubavam, trabalhavam a machado até obter o risco da lançadeira. Ali arrastavam-na para os galpões. Escavavam a machado e completavam com enxó. Quando estava pronta serravam pela metade de ponta a ponta. Entre as duas metades inseriam uma plancha larga, que era fortemente amarrada a ele por meio de parafusos de ferro. Dava trabalho. Três e mais meses para fazer uma barca. Pronta, era pintada de encarnado, de azul... Os nomes eram colocados numa tabuleta da popa: "Mariana", "Florzinha", essas eram as nossas, "Catalão", "Florisbela"... Havia mais de 30 canoas.

Força motriz era muque mesmo. Sempre em dois canoeiros, empunhando um longo bambu com uma forca de ferro na ponta. Um colocava-se na proa firmava uma vara no fundo do rio, e fazia empurrando a barca para frente, caminhando até a popa. Daí voltava à proa enquanto outro se alterava do outro lado. Era duro. Quer ver na subida do rio, com uma carga meio grande! Não era para qualquer um. Canoeiro precisava ter corpo. Quando chegava no rio Tubarão, utilizava-se remos de voga. Se o vento era favorável elevava-se o mastro e arriava-se a vela branca, de pano americano, uns trinta metros quadrados. A forma era de um trapézio, mais largo em baixo. Na subida do rio, se a margem era limpa, como no campo do Dr. Otto, ou no campo de Pirituba, um saltava e puxava da praia com um cabo.

Se o tempo favorecia demorava-se 3 dias para ida e volta a Laguna. Agora se soprasse vento sul, ficava-se até 3 dias sem poder sair de Laguna. Descia-se num dia. No outro dia descarregava-se e já partia-se para pousar a noite na boca do Capivari. No outro dia, partindo de madrugada, chegava-se pelas duas ou três da tarde no Porto. Pousava-se na canoa mesmo. No convés havia lugar bas-

tante para dormir até 3 pessoas. A gente tinha cama pronta lá. Comida também fazia-se num fogão preparado com uma lata dessas de banha, e uma grelha. Barqueiro não podia tomar cachaça. Não podia perder o equilíbrio, nem a força. As vezes viajava-se também de noite. Cada barqueiro era dono de sua canoa. Não havia dono de muitas. Cobrava-se na base de 500 réis por saco, pelo frete. Com a carga de volta dava uns 50.000 réis, que era um bom dinheiro. Levava-se banha, farinha, carne de jacá, milho. Trazia-se de tudo, para as casas comerciais. Até mudanças de imigrantes. Quer ver o movimento que se deu quando foi aberta a colonização de Anitápolis. De Flórianópolis os imigrantes iam a pé, por Santo Amaro. As mudanças vinham de Laguna. Nós levávamos até o Porto e daqui seguiam as grandes arcas, em carro de boi.

Anos de maior movimento foram entre 1910 a 1920. Depois começaram abrir estradas para a Barra do Braço do Norte, vieram os caminhões... Em 1930 já era pouco o movimento, que foi se acabando, se acabando... Mas isto já foi de grande movimento. Tinha trabalho para 30 canoas. Chegavam caravanas de 15 ou 20 carros de Braço do Norte, tropas de 20 mulas de Grão Pará, da Serra, de São Bonifácio, do Armazém. Serranos de longe. Lembro a gente de Serrito, lá perto de Lages, que vinham com bruacas repletas de fumo, mascateando pelas bodegas. Quando chegavam aqui fretavam uma canoa e iam vender os rolos de fumo em Laguna. Às vezes iam com tropa até a Pescaria Brava, até a praia do mar. Os colonos também gostavam de ir até Tubarão com os cargueiros. Até Laguna iam. Mas ai deixavam as mulas na Cabeçuda, e iam de canoa até Laguna. Concluimos: Gravatal já foi importante por causa das águas do seu rio. Importância que só a história pode atestar porque hoje nem mais indícios restam no movimentado entreposto comercial. Até o rio desapareceu. Ao inquirir se era possível refazer em canoa a viagem de canoeiros e imigrantes disseram-me que nem mesmo pelo canal dragado hoje poderia passar uma canoa. Os desmatamentos secaram as fontes, a erosão das roças, nos morros, atulhou de areia o leito do rio, cujas águas não mais represadas por tranqueiras, escoam-se agora com rapidez. Rio Capivari? Outrora sim, um rio largo às vezes, com amplidão de mar nas enchentes, Hoje só um canal. Mas ninguém lamenta o seu desaparecimento. Quem faria hoje viagem de 3 dias em canoa, quando pode fazê-la por moderna rodovia asfaltada?

Mas se o rio desapareceu como via de comunicação, não deixou de dar ao povo de Gravatal a sua contribuição para o progresso. Ao baixarem suas águas foi descoberto que do seu leito brotavam águas mornas. Analisadas mostraram-se fabulosas fontes de águas termais com propriedades medicinais inegualáveis. Lá hoje funciona um

dos maiores balneários na sua categoria, em âmbito nacional, contando com hotel internacional recebendo anualmente dezenas de milhares de turistas em busca de descanso e saúde. É o Rio Capivari pequeno, fazendo prodígios de grande. O Capivari que deu nome e serve a maior termoelétrica do Brasil. E não está sendo explorado em todas as suas potencialidades. Quando suas margens outrora alagadiças forem completamente drenadas, suas águas irrigarão milhares de hectares de viçosos arrozais. O pequeno rio continuará sendo fonte de renda e de progresso.

ARMAZÉM

Pe. Bernardo de Claraval SCJ

Quando foi descoberto Armazém? A primeira ocorrência histórica referente a esses dados, de que se tem conhecimento, deu-se no final da primeira metade do século dezoito.

No Rio Grande do Sul, explodiu em 1835 a Guerra dos Farroupos, que se estendeu até 1845. "Esse movimento também chamado **Revolução Farroupilha**, foi a revolta mais grave ocorrida no Período Regencial. As lutas abalaram o sul do Brasil por dez anos, terminando apenas no Segundo Reinado".

"As lutas entre as tropas farroupilhas e os soldados do governo estenderam-se por todo o Rio Grande do Sul e atingiram Santa Catarina. Em 1836, os rebeldes proclamaram a **República Riograndense**, com sede na Vila Piratini, no Rio Grande do Sul.

Em 1839, depois de conseguirem muitas vitórias sobre as tropas do governo, os Farroupilhas fundaram outra república independente a **República Juliana**, com Capital em Laguna (Santa Catarina)".

"Em 1º de março de 1845, depois de muitas lutas, os Farroupilhas tiveram de se render" (1)

Manoel Lourenço Demétrio, vulgarmente chamado de **Baiano**, fazendo parte do exército brasileiro, muito se empenhou na luta contra a Revolução Farroupilha. Terminada a revolta, recebeu, por seu destaque na luta, a doação de terras aqui no sul de Santa Catarina. Referimo-nos a **Sesmaria Vale do Capivari**. Manoel passou a residir em Tubarão. Esta Sesmaria abrangia a área desde a localidade Capivari de Tubarão até o Rio Capivara em Vargem do Cedro, e limitava à leste com Imarui e ao oeste com o Rio Capivari.

As terras ao lado direito do rio pertenciam à empresa Grão-Pará.

Seu filho, Caetano, depois de empossado, veio morar na localidade, hoje conhecida por Mineração, e depois no Bom Jesus, no norte de Armazém. (2)

CAPIVARI

No começo, Armazém era conhecido pelo nome de Capivari, por causa do rio do mesmo nome, que transita pela região. Esta designação se encontra no primeiro livro de registro do cartório desta freguesia. "LIVRO N° 01 DE NOTAS DO CARTÓRIO DE ARMAZÉM: Servirá este livro para o Registro de Notas etc., na conformidade do Regulamento que baixa com o Decreto n° 9.886 de 07 de março de 1.888, contém o n° de folhas declaradas no termo de encerramento: São Pedro do Alto Capivari, em 06 de junho de 1901. Ass. Antônio Rodrigues da Silva".

Depois passou a chamar-se **ARMAZÉM**, devido a um pequeno estabelecimento comercial, que na época era conhecido pelo nome de Armazém. Este estabelecimento funcionava no início do Sertão dos Corrêa, a uns quatro quilômetros do centro. O proprietário da venda chamava-se José Manoel Corrêa, primeiro morador do Sertão (2).

O livro de Dall'Alba "Vale do Braço do Norte" registra diversas indicações da localidade do Capivari.

Fontes:

- (1) Mª Januária Vilela Santos - História do Brasil
- (2) Gregório José Corrêa e sua irmã, Dona Noquinha, informação oral.
- (3) História de Santa Catarina volume 4, pág. 15 e informação oral de Tila (Domitila) Corrêa, bisneta de José Manoel Corrêa, e de José Diomário da Rosa.

O RIO CAPIVARI

Armazém é ricamente irrigado pelo Rio Capivari e seus afluentes.

Plageando o historiador antigo, Heródoto, que disse: O Egito é um presente do Nilo, diríamos também: Armazém é um presente do Capivari. De fato como veremos, foi o Rio Capivari que atraiu as primeiras fundações do município, e contribuiu para o desenvolvimento do comércio e da agricultura, bem como da pecuária.

Este rio nasce na localidade de São Bonifácio, a uma altitude de 480 metros, quase no cume da serra onde faz divisa com as águas do Rio Cubatão. Sua nascente medeia a Serra do Tabuleiro e a Serra do Cubatão. (5)

O Rio Capivari possuía água volumosa e foi a primeira via de comunicação para este interior. Por ele subiram os pioneiros e daqui descia-se via fluvial até Laguna. As canoas e barcos, que transportavam até 100 sacos de feijão, milho, açúcar mascavo, farinha de mandioca e banha, levavam três dias na viagem. Os canoeiros estavam munidos de fortes remos e até machado para retirar árvores e galhos, que obstruíam o trânsito. Na volta traziam outras mercadorias como tecidos, sal, açúcar branco, trigo e ferramentas.

Até 1930 era normal o transporte fluvial até o porto Capivari (Armazém).

E as margens planas, largas e úmidas que se estendem nas margens do rio e penetram até o Sertão e, mais abaixo, até as Termas do Gravatal e a Várzea das Canoas... Tudo isto antigamente permanecia alagado e, na época das chuvas, por meses, coberto de água. No caso da grande enchente de 1923, passava-se de canoa por cima da área onde hoje está situada a Igreja Matriz. Há séculos no passado, o mar adentrava por ai. Cavações feitas em Armazém demonstram a existência de areia e conchas do mar no subsolo.

Fontes:

- (5) Monografia Pe. Domingos Pereira Rodrigues.
- (6) Informações orais Augusto Bruening e outros.

OS PRIMEIROS MORADORES

O primeiro que veio a residir nesta área, que forma hoje o perímetro urbano da cidade, foi Jacinto Dias Marques, por volta de 1870 (7). Mais tarde construiu pequena casa comercial, próximo à desembocadura da antiga estrada do Sertão, há uns 300m da Igreja Matriz.

Em seguida outros vieram para cá. São eles: Laurentino da Rosa Luz, bisavô de José Diomário da Rosa, que juntamente com Manoel Pereira e outros se empenhou na construção da primeira igreja de São Pedro. O Pereira foi um grande impulsionador do crescimento da comunidade. Manoel Cardoso da Silva, cuja propriedade ia das margens do Rio Capivari até o Sertão dos Corrêa. Sua filha Luiza Cardoso da Silva doou o terreno da igreja. José Mendonça, que doou mais uma área à igreja, local onde se encontra a casa das irmãs (antigo colégio) e o Centro Catequético. Manduca Nazário, Avelino Serrano e João Malliote com a alcunha de João Francez, que foi o primeiro escrivão do cartório. Outros mais emigraram para esta região. São conhecidos: João Nazário (com seus filhos José Nazário e Tomaz Nazário), Pedro Souza, Severino Alves, Antônio Pedro Martins e Antônio André da Rosa.

SOBREVIVÊNCIA

Para conseguirem manter-se, os moradores deste sertão dedicavam-se ao trabalho do campo. E assim faziam as suas plantações. Os principais plantios eram de cana-de-açúcar, de mandioca, de milho, de feijão. Alguns tinham engenho de açúcar ou farinha. Criava-se também gado leiteiro, suínos e aves poedeiras para o consumo de casa (8).

Fontes:

(7) Monografia "Cidade Amiga" da biblioteca municipal e José Diomário da Rosa informação oral.

(8) Informações orais e cartório.

VIAS DE COMUNICAÇÃO

Todas as informações orais nos falam do caminho dos serranos. O território da serra de Lages foi povoado pelos bandeirantes, vindos de Piratininga e outras partes de São Paulo. Estes povoados necessitavam de ligação com o litoral, para transportar os seus produtos e adquirir outros de que careciam. Foi assim que abriram seus trilhos pelas matas virgens e ligações montanhosas.

Pessoas de considerável renome, tais como Walter Zumblick (escritor de vários livros sobre a história da região sul) e Daniel Brueining (colaborador do livro "O Vale do Braço do Norte", e que tem se empenhado num estudo geneológico dos habitantes da nossa região), afirmam ser Armazém uma consequência dos caminhos dos serranos.

De fato, o comércio efetuado pelos serranos provenientes de Urubici, Bom Jardim da Serra e de Lages, com o litoral, exerceu um papel importante, para a base econômica dos pioneiros armazenenses. O próprio nome "Armazém" remonta da origem do desbravamento numa pequena casa de comércio, que segundo a tradição oral, seria a própria residência de José Manoel Corrêa.

Os serranos conduziam as suas tropas de gado ou mais comumente de burros de carga, trazendo produtos agropecuários, como charque, queijo, pinhão, e em troca levando gêneros de primeira necessidade, dos quais se recorda, tecidos, açúcar, sal, querosene, farinha, etc.

O trajeto deste caminho de cima conduzia pela Serra do Oratório, Serra do Maroim, Grão-Pará, Braço do Norte, atravessando o Sertão dos Corrêa, atingia Armazém. Daqui seguia em direção a Sanga Morta, atravessando o Morro do Boi, passava por Bom Jesus e seguia até Imarui. Havia ainda uma continuação dando volta

pelo norte da lagoa, para chegar até Laguna. Na entrada do atual município de Armazém havia algumas alternativas: vindo de Braço do Norte, descia-se por Taquaruçú ou pelo Mundo Novo. De Armazém o transporte era feito pelo Rio Capivari e Lagoa de Imarui até Laguna.

A COLONIZAÇÃO

A IMIGRAÇÃO ALEMÃ

Pe. Domingos Pereira Rodrigues SCJ

O fato de serem os alemães os primeiros colonizadores do sul do País é explicado pela instabilidade, que começa a reinar na Alemanha na mesma época da política de povoamento no sul do Brasil. A Alemanha, que nos últimos decênios do século passado passou a ser uma potência mundial, até em 1860 não passava de um aglomerado dos estados medievais, condados, principados, marquesados, episcopados, sem coordenação central. A população estava dividida em três classes: a nobreza, a classe média e o povo (esta última incluía os camponeses, artesãos, lojistas, servos e proletários).

A partir de 1830, quando a Revolução Industrial começa a firmar-se na Alemanha, surge um capitalismo selvagem onde se verificou uma acumulação de grandes capitais e a sujeição das classes trabalhadoras. Esta situação gerou um clima de constantes rebeliões, indo culminar com a Unificação Alemã realizada por Bismark, em 1867, quando estabeleceu-se a Confederação Alemã, que unia vinte e dois estados, sob a hegemonia da Prússia.

Neste contexto, os camponeses foram a maior parte dos grupos de imigrantes, juntamente com os liberais que fugiam das inúmeras revoluções. Segundo estimativas não muito precisas, cerca de cinco milhões de alemães deixaram sua terra de origem durante o século XIX. A maior parte deles teve como causa a penúria econômica.

Por que o Brasil recebeu este incalculável número de alemães? Segundo o Pe. Gabriel Lucks, uma das causas pela qual estes imigrantes vieram para o Brasil foi a influência das imperatrizes brasileiras de origem alemã. Teriam sido elas que aconselharam D. Pedro I a aceitar e fomentar a vinda de colonos alemães em substituição aos escravos.

Verdade é que no primeiro quartel do século XIX o Brasil começava a viver uma séria crise econômica. A riqueza das minas estava escasseando e o açúcar do Norte encontrava competidores nos maiores centros do consumo europeu. Além disso o Brasil pretendia também, através da imigração, resolver problemas de várias regiões desabitadas, onde o sul aparecia como palco visível desse despovoamento. Daí o fato de Santa Catarina ter a fama de ser um Estado prevalentemente alemão.

Os primeiros alemães que chegaram a Santa Catarina localizaram-se em São Pedro de Alcântara em 1828, fundando lá uma colônia com 166 famílias. A colônia isolada e em terrenos acidentados não prosperou.

Somente na segunda metade do século diversos núcleos imigratório tiveram sucesso: em 1851 fundava-se uma colônia nas terras de Dona Francisca, casada com o príncipe de Joinville e em 1850 o Dr. Herman Blumenau fundou um núcleo às margens do rio Itajaí e, em 1860, o governo transformou-o em colônia oficial denominada colônia Blumenau.

A partir de então muitas colônias foram fundadas: tais como a de Brusque; os núcleos de Jaraguá, Hansa, Corupá, Indaial, Rio do Sul e Pomerode. Quero ressaltar, entre estas, a formação da colônia de Teresópolis (hoje Queçaba), em 1860 com a ocupação do vale do Cubatão. Esta colônia foi o centro de irradiação de toda a colonização alemã nos vales do Braço do Norte, Salto e Capivari, que será tratado no ítem a seguir.

A MIGRAÇÃO DOS ALEMÃES PELO VALE DO CAPIVARI

Como vimos no ítem anterior, Teresópolis foi o centro de irradiação por todos os lugares do vale do Capivari. Suas origens remontam de 1860, quando cerca de quarenta famílias ali se fixaram ao chegarem do Rio de Janeiro, onde desde 1849 haviam trabalhado em fazendas de café. Desde o início destacou-se na liderança desses colonos um oficial austríaco, Teodoro Todeschini, que foi o primeiro orientador respeitado pelos colonos.

Teresópolis emancipou-se como colônia em 1869. Sob a orientação de Todeschini vieram imigrantes da Westfália (província profundamente católica da Alemanha) e, em 1864, fixaram-se no vale do Capivari, ano em que foi fundado o núcleo de São Bonifácio. "Segundo indicações do finado Walter Buss, filho de um dos primeiros imigrantes, estabeleceram-se no Capivari, em fins de 1864, as seguintes famílias: Doppelstein, Böing, Hemkemeier, Schuller, Hoppers, Vanderlinde, Buss, Schmitz. Dos colonos chegados pouco mais tarde, menciono sem esgotar a lista: Degerig, Warmeling, Exterkötter, Schmetter, Pottmeier, Willemann, Aesing, Tenfen, Schneider, Heidemann, Luchtentels, Lucks, Beckhauser, May, Schmeller, Was-sing, Vandresen, Klaumann, Rohling, Rosner, Merten, Rolker, Blatt, Rodius, Hawerth.

Pouco a pouco o vale do Capivari foi sendo povoado, a partir de suas cabeceiras, por colonos alemães que afluíam de Teresópolis, passando por São Bonifácio. De maneiras que os pioneiros de

Em 1873 ocorreu a migração de 52 famílias de São Bonifácio para Braço do Norte. Sob a orientação do famoso Pe. Wilhelm Roehr, vindo da Alemanha em 1861 para atender os imigrantes católicos de Teresópolis; estes colonos conseguiram permissão para habitarem nas férteis terras de Braço do Norte que, em grande parte, eram patrimônio da colônia imperial.

O sucesso do povoamento de Braço do Norte e São Ludgero, graças a fertilidade de suas terras, estimulou os imigrantes alemães a descerem a serra de São Bonifácio e povoarem intensamente os vilarejos que margeiam o Rio Capivari.

Desta forma foram se formando as localidades de Santo Antônio, Santa Maria, Rio Sete, Rio São João até chegar em São Martinho e depois subir para Vargem do Cedro.

Estes lugarejos recém habitados eram colonizados com tal intensidade que muitos rapazes de Armazém (de origem lusa) deixavam suas terras por julgarem-nas improdutivas e iam trabalhar como meeiros, arrendeiros ou, mais frequentemente, como assalariados junto aos colonos de Santa Maria, São Bonifácio, Santo Antônio, etc. Estes locais que compravam trabalho braçal para a agricultura e a pecuária eram conhecidos pela denominação de "Colona".

Alguns destes alemães vindo se estabelecer em Armazém, deram novo impulso à agricultura e à pecuária. Trouxeram novas técnicas, que contribuíram para o crescimento da localidade.

As primeiras famílias de origem germânica (alemães e dinamarqueses) começaram a chegar em Armazém já no final do século passado. Foram se estabelecendo na parte norte do município, principalmente nas localidades de São João do Alto Capivari, São Cristóvão, Rio Carolinã e na parte norte da Sanga Morta. Portanto, marcaram presença as famílias: Back, Böing, Westrupp, Michels, Beckhauser, Berkenbrok, Luchtenberg, Steiner. Posteriormente outras famílias foram chegando de várias direções, até mesmo de Braço do Norte, como foi o caso das famílias Heidemann e Wesing e outras.

O povo de origem germânica, que no início da imigração ameaçava formar quistos sociais, vivendo separados dos lusos, trouxe muitos benefícios para a colonização, tanto na integração e formação da sociedade, como na inovação de técnicas para o setor primário (agricultura e pecuária). Em Armazém os alemães aceleraram o desenvolvimento em todos os sentidos até mesmo na prática religiosa. Assim todos unidos sem distinção de raça, levaram avante a colonização do nosso querido Armazém.

Fontes: Monografia do Pe. Domingos Pereira Rodrigues SCJ.

ALEMÃES EM ARMAZÉM

Pela volta da década de 1880, deve ter chegado a Armazém Henrique Berkenbrock. Adquiriu terra na entrada do Rio das Antas e ali se estabeleceu. Pelos anos de 1885 a 1887, com a ajuda do povo, construiu a primeira igreja, dedicada a São Pedro Apóstolo.

Aos 22 de outubro de 1892, sua filha Catarina casou-se com Henrique Michels. Este genro era filho de Henrique Michels-Senior, que morava em São João. Ele era pai de seis filhos: nosso Henrique-Junior, João, Manoel, Germano, Jacó e Vitória. Já o Henrique-Júnior teve sete filhos: Paulo, Evaldo, Oscar, Otilia, Ana, Elisa e Maria.

No Rio das Antas residia também o João Michels, primo de Henrique-Junior e conhecido por João Ferreira, em virtude de exercer o ofício de ferreiro. Era casado com Elisa Berkenbrock e pai de sete filhos: Francisco (Chico), Rainildes, Marino, Germano (padre), Fridolino, Verônica, Rainoldo, Maria e Bernardete.

Outros mais faziam parte desta Comunidade, entre os quais se destacam: Rodolfo Beckhauser, Guilherme Böing (dirigente do coral da igreja), Artur Drecksler (professor), Guilherme Wensing, José Niedermeier (que veio diretamente da Alemanha), Alberto Extekoetter, Vandresen e Guilherme May.

VISÃO POLÍTICO-ADMINISTRATIVA

Pe. Domingos Pereira Rodrigues SCJ

1. A Administração nos Primeiros Tempos

Sob o ponto de vista político-administrativo, Armazém ligou-se por muitos anos a Tubarão. O município de Tubarão exercia total influência, organizando através de voluntários e alguns funcionários, a administração pública desde sua origem até a criação do distrito.

Como a distância de Tubarão era consideravelmente grande, havia na comunidade o sistema de mutirão que atuava na realização da maior parte das obras públicas. Era muito frequente cada família destacar um ajudante para a construção de estradas sob a orientação de um feitor que na maioria das vezes, era um voluntário, disponível ao bem comum. Sob essas e outras condições, sendo preciso muitas vezes improvisar a maioria das exigências domésticas e comunitárias, vivia a nossa gente nos saudosos tempos que precederam a nossa geração. Com tudo, paz e alegria possuíam o bastante para nos deixar uma imagem de equidade e nobreza.

2. Armazém distrito de Tubarão e a criação da Vila

O crescimento e desenvolvimento em todos os níveis do então chamado Capivari foi tão evidente que o município de Tubarão achou conveniente conferir uma parcela de autonomia Política-Administrativa ao referido povoado. Isto acontece a 10 de janeiro de 1901 quando a lei municipal nº 30 cria o distrito com a denominação de Armazém do Alto Capivari, desmembrando-o do distrito de Gravatal. A instalação se deu aos 11 de maio de 1901.

Essa transformação efetuou-se inopinadamente e sem preparação. Em consequência disso, os vários cargos criados com a fundação do distrito além de serem acumulados em poucas pessoas que eram, na maioria, voluntários sem qualquer vínculo empregatício remunerado. Então os Prefeitos de Tubarão continuaram a administrar tal distrito, comunicando e conferindo tarefas a pessoas de prestígio que exerciam certa influência política sobre o povoado.

São lembrados alguns nomes que eram considerados exercendo principalmente um poder moral, por gozarem de uma boa imagem diante das autoridades tubaronenses: Manoel Pereira, Antônio Rodrigues, Gregório Westrupp e outros. "Gregório Westrupp foi Juiz de Paz e coordenador de problemas de toda a região em que viajava a cavalo, trazendo soluções até da capital do Estado, sem receber qualquer gratificação pelos serviços prestados."

Nessa época que antecede o período da intendência, já existiam alguns cargos remunerados de ordem judicial. É colocado pela memória popular, como primeiro delegado de Armazém, José Mendonça. Fala-se ainda dos delegados: Manoel de Oliveira, Tomás Cornélio, José Ana, Adolfo Diomário e outros. A princípio a pena para infratores da lei era o açoite que se aplicava segundo o grau de culpabilidade do réu ao ser amarrado a um tronco próprio para torturas. Depois surgiu a cadeia que funcionava primeiramente nas adjacências residenciais do Sr. Bernardo Philippi.

Outro cargo existente na época era o Cartório de Registro Civil, criado pelo decreto nº 9.886 de 07/03/1898. "O primeiro escrivão de Paz foi o Sr. Francisco Malliotte. O primeiro registro de nascimento lavrado neste cartório foi no dia 09/08/1901, no livro nº 01, fl. 01, em que consta o nome de Corina Emília da Silva, nascida no dia 01/07/1901. E o primeiro casamento foi dos noivos Amário Firmino Machado e Maria Clarinda de Jesus, dia 30/06/1901. Foram posteriormente escrivães: João Francis, Roque Sá, Tomás Cornélio, Cornélio Neves da Silva e outros.

A administração do distrito ganha uma maior autonomia quando começa de fato o período da Intendência. Em 1926 Antônio Diomário da Rosa torna-se o primeiro intendente de Armazém.

"Eram suas tarefas: cobrar impostos, chefiar e dirigir os trabalhos municipais no distrito, cuidar da ordem distrital e nomear juízes de Paz". Permaneceu no cargo até 1929. Pessoas afirmam que ainda na década de 1920 Cornélio Neves da Silva teria assumido a intendência. Porém o que se sabe é que após a revolução de 1930, Elisiário Rodrigues, tendo uma certa popularidade por possuir um mini-hotel em Armazém, assume o cargo de intendente no distrito e o exerce até a queda do presidente Getúlio Vargas em 1945.

Armazém foi elevado à categoria de vila pelo decreto-lei estadual nº 86 de 31/03/1938 (4). A partir de então eliminou-se a denominação anterior (Armazém do Alto Capivari) e a nova vila adquiriu o nome que ainda possui hoje, Armazém.

Em 1946, aproximadamente, o Sr. Gabriel Beckhäuser, tendo sido nomeado pelo então prefeito de Tubarão, Francisco Carlos Regis, substituiu Elisiário Rodrigues na Intendência". Ao ser intendente a minha tarefa principal era a construção de estradas e a cobrança de impostos que era feita por metros quadrados. Acompanhei a abertura da estrada na margem esquerda, a restauração da estrada de Sanga Morta e várias outras estradas que estavam em situação precária". (5).

Os intendentes em Armazém permutavam-se de acordo com a política na prefeitura de Tubarão. Assim foi que quando entrou de prefeito o Sr. Arnold Bitencourt, José Gregório Michels é empossado intendente de Armazém, tendo depois abdicado para seu genro Antônio Michels. E quando em 1954 Valdemar Sales assume a prefeitura em Tubarão, o Sr. Gabriel Beckhäuser é renomeado intendente da vila, ficando no cargo até a criação do município em 1958.

EMANCIPAÇÃO POLÍTICA

Pe. Domingos Pereira Rodrigues SCJ

A prosperidade da vila de Armazém chegou a ponto de lutar pela autonomia absoluta em relação a Tubarão. Amadurecia através de discussões e comentários a convicção de que seria melhor, tanto para o bem-estar do povo, como para o maior e mais rápido desenvolvimento integral do lugar, se Armazém fosse município. A vontade geral dos habitantes foi manifestada no projeto de emancipação política apresentado pelo Sr. José Diomário da Rosa. Tendo sido acatado tal projeto, Armazém é emancipado de Tubarão pela lei estadual n° 380 de 19 de dezembro de 1958, quando o Sr. José Diomário da Rosa foi nomeado o primeiro prefeito interino (16/01/58).

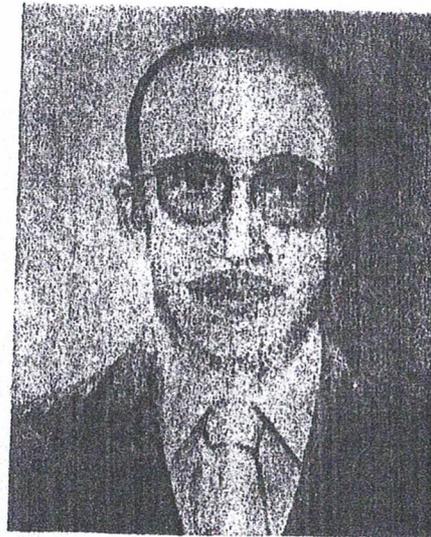
A criação do município de Armazém não gozou preparativos prévios. Em razão disso, as primeiras legislaturas tiveram que improvisar locais para a atuação administrativa, instalando-se por vezes em residências particulares. Assim fora que durante o mandato de José Diomário da Rosa a prefeitura funcionava na casa de João Polidório, prédio este que também foi usado na gestão do primeiro prefeito eleito, o Sr. Paulo Wensing que tomou posse em 30 de outubro de 1959.

Quando Adolfo Steiner toma posse como prefeito a 30 de outubro de 1969 a "máquina administrativa" do município foi transferida para uma sala, que era propriedade conjunta do prefeito com Bernardo Philippi. A prefeitura de Armazém também funcionou no final da praça, onde hoje se encontra o prédio do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, durante a posse do prefeito Arnoldo Michels que começou em 13 de janeiro de 1966. Ainda em seu mandato a prefeitura funcionou juntamente com o Cartório.

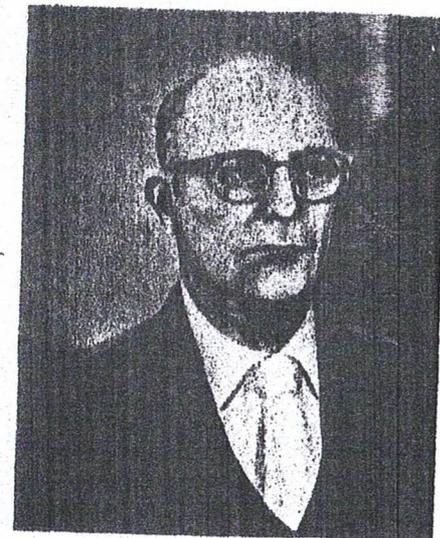
Apolônio Westrupp assumindo o município em 30 de janeiro de 1970, dá sequência à construção do novo prédio definitivo da Prefeitura, já iniciada pelo prefeito anterior, levando-o à inauguração dia 9 de novembro de 1972. A partir de então os prefeitos gozaram de um ótimo prédio próprio que respondeu satisfatoriamente às exigências de todas as instalações necessárias para a administração municipal. Os prefeitos subsequentes foram: Antônio David Filetti, prefeito de 31 de janeiro de 1973 à 31 de janeiro de 1977. Em seguida foi o Sr. Bertolino Böing, que assumiu em 31 de janeiro de 1977 e entregou o cargo a Nelson das Neves que venceu as eleições de 1982 e juntamente com o seu vice, Norvaldo Wensing, tomaram posse em 1983. Já em 1° de janeiro de 1989, assumiu, pela segunda vez, o Sr. Bertolino Böing, com seu vice Rosalvo Michels.

O nosso município, no tocante à consciência política, não foge à regra da maioria dos pequenos municípios brasileiros. Pois os municípios de menor envergadura, por dependerem muito da ajuda do Estado, principalmente na construção de relevantes obras públicas, são tendencialmente favoráveis à situação. De maneira que, em nosso município nunca houve a vitória de um candidato à prefeito do Partido da Oposição. Pelo contrário, todos os prefeitos que antecederam à candidatura de Antônio David Filetti, não tiveram concorrente no partido opositor. Ademais outra razão de não ter havido uma mudança radical para o lado da oposição, revela a boa administração que todos os prefeitos tem deixado para o nosso município em suas gestões.

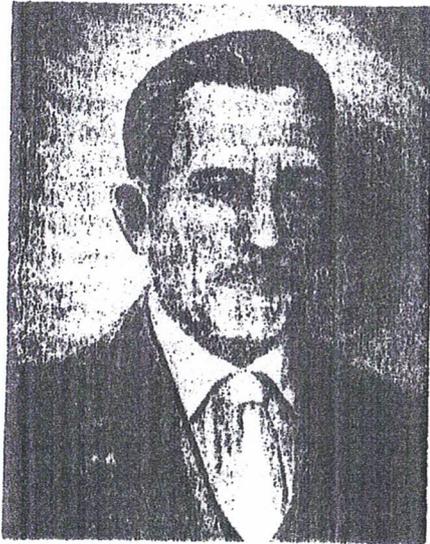
Todavia, as últimas eleições em Armazém foram bem disputadas. Isto demonstra que os eleitores tem certa noção de política partidária. Pois os partidos nunca devem superar demasiadamente uns aos outros a ponto de tornar inexpressivos os partidos da oposição. Portanto, mesmo confiando no partido da direita nosso povo não pretende acabar com a oposição para não ocorrer um unipartidarismo, causa da ditadura.



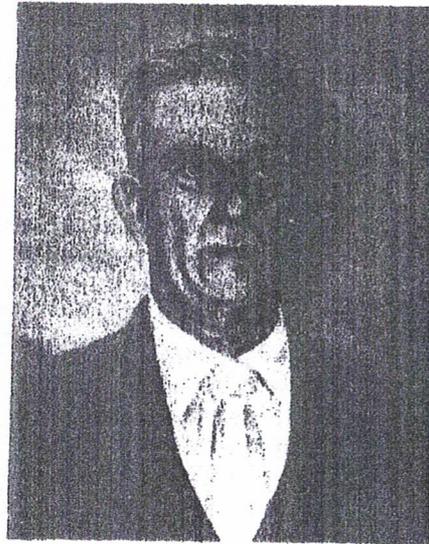
José Diomário da Rosa
28/01/59 a 30/10/59



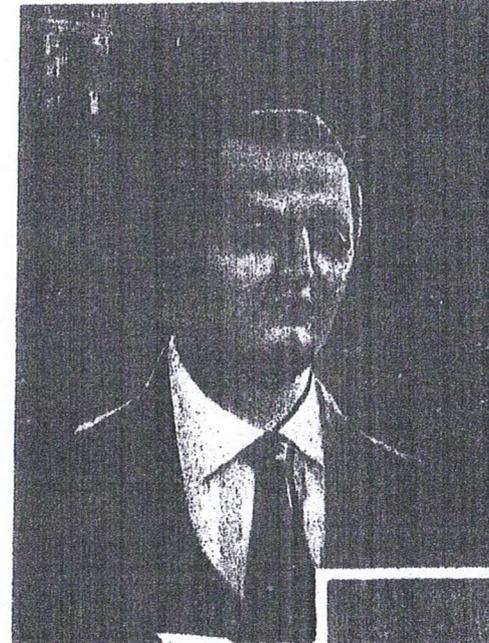
Paulo Wensing
30/10/59 a 30/10/64



Adolfo Steiner
30/10/64 a 31/01/66



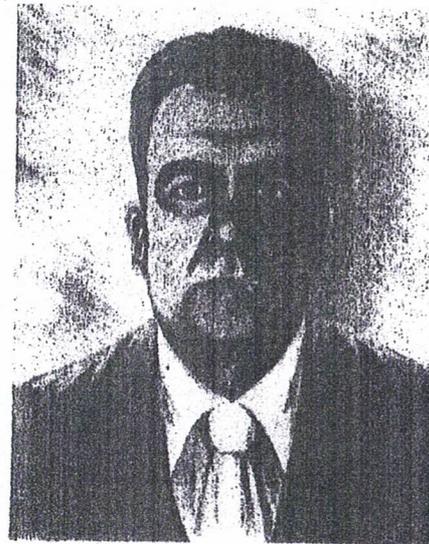
Arnaldo Michels
31/01/66 a 31/01/70



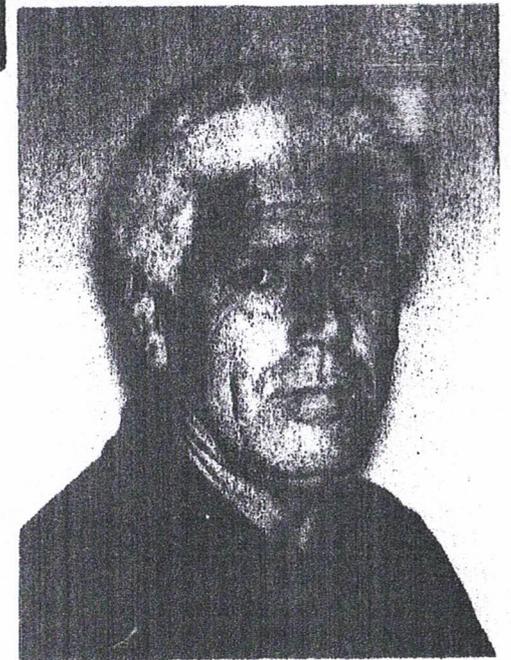
Bertolino Böing
01/02/77 a 01/02/83



Apolônio Westrupp
31/01/70 a 31/01/73



Antônio David Filetti
31/01/73 a 01/02/77



Nelson das Neves
83-89



Bertolino Böing
Atual Prefeito

90 a 99
100 a 199
200 a 299
300 a 399
400 a 499

HINO DE ARMAZÉM

Este Hino foi oficializado em 14 de julho de 1984 pelo então prefeito Nelson das Neves. A letra e a música é de autoria da professora Zenite Cardoso Mendonça; a harmonização e o arranjo do professor Antônio Luiz Fernandes, que já foi secretário e também diretor do Colégio Mons. Francisco Giesberts. O Hino ainda traz no final de cada verso a designação de "Cidade Amiga" dada a esta povoação pelo jornalista Luiz Lopes.

HINO DE ARMAZÉM

É berço que nos viu nascer
Esta terra abençoada por Deus.
De luz resplendem os horizontes,
Verdes matas em suas fontes.
Torrão querido e abençoado,
Deste povo és amado:
Cidade Amiga.

Refr.: Armazém, és jovem, forte.
Ergue teus braços ao hospedeiro,
És pedaço de chão brasileiro
É povo que se orgulha
De ser nobre, viril e ordeiro.

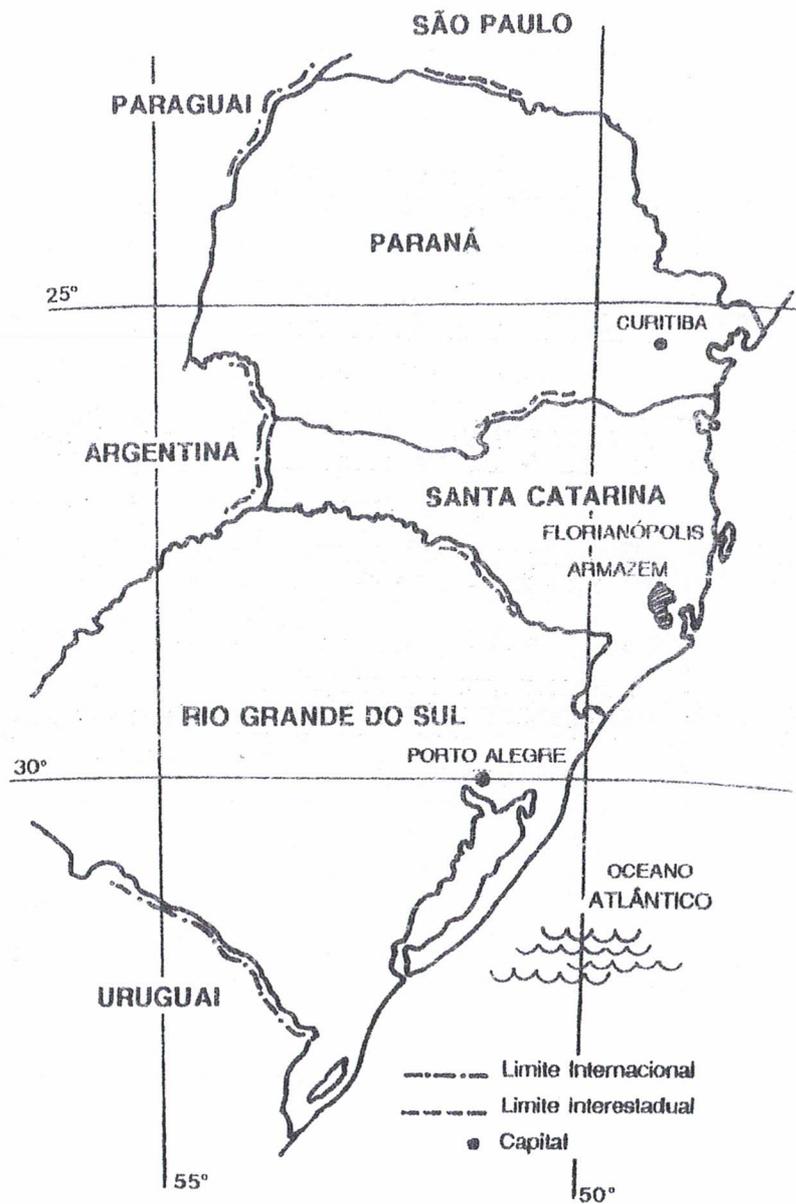
Quando ao longe, da terra distante,
Nossa gente, ao lembrar, chora e sente
Do berço em que a viu nascer.
Na vanguarda hás de ter,
Futuro risonho e bendito
Meigo chão em que habito,
Cidade Amiga.

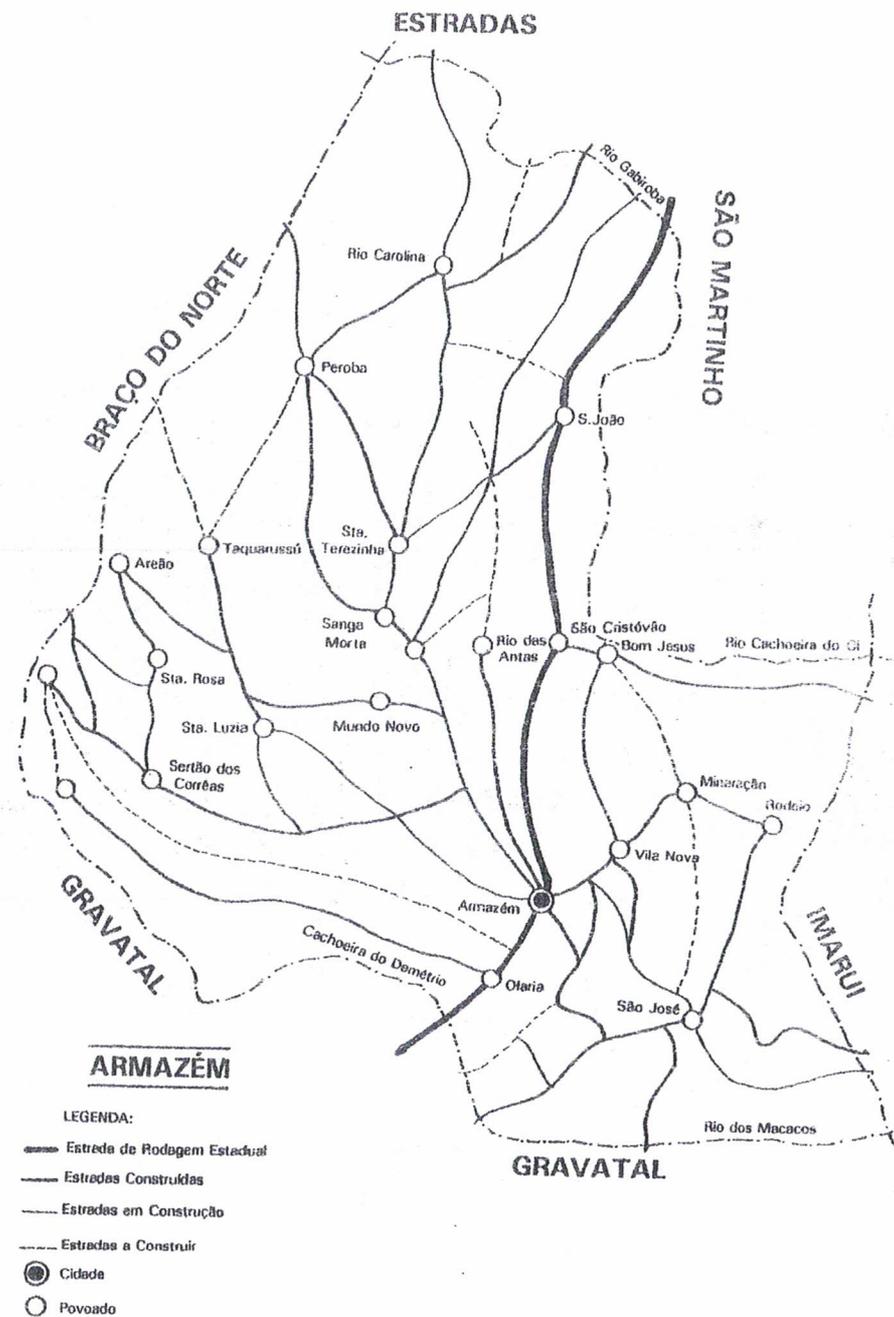
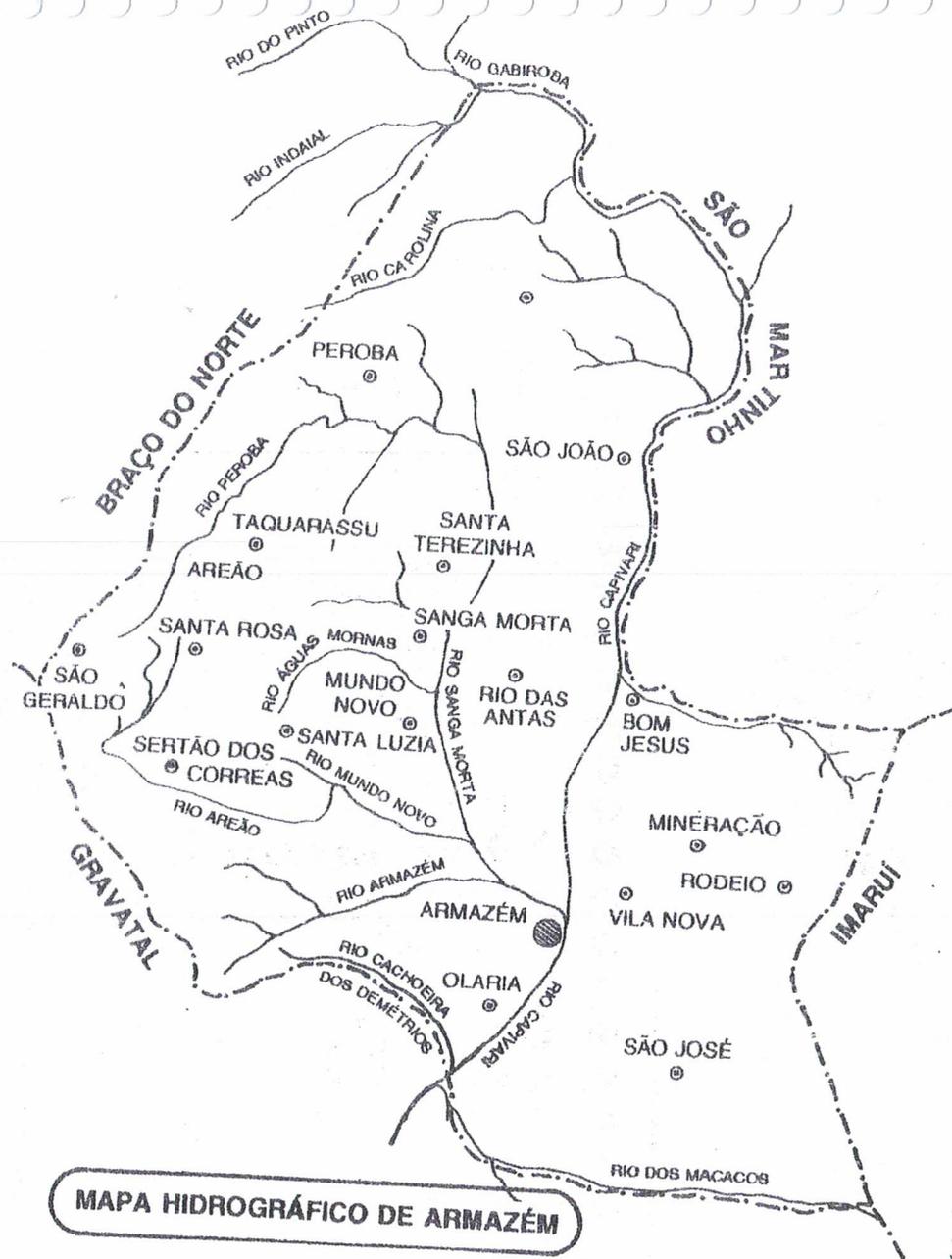
Beleza está em tuas mãos,
Faze dela tua grande mansão.
União, amor, força e alegria,
Como é bom se dar as mãos,
Lutar, trabalhar e conquistar
Glória, vitória vencial
Cidade Amiga!

HINO DE ARMAZÉM

É berço que nos viu nascer. Esta terra abençoada por
 Deus. De luz resplendem os horizontes. Verdes matas em
 suas fontes. Torrão querido abençoado, Deste povo és a-
 mado: Cidade amiga. Arma-zém és jovem, forte, ergue os
 braços ao hospedeiro, és pedaço de chão brasileiro. É
 povo que se orgulha. De ser nobre, viril e ordeiro.

A REGIÃO SUL DO BRASIL





ASPECTO RELIGIOSO

PARÓQUIA DE ARMAZÉM

Pe. Bernardo do Claraval SCJ

Armazém pertencia ao Município de Tubarão, chamado antigamente Piedade e à Paróquia de Nossa Senhora da Piedade de Tubarão, cujos vigários administravam a vasta região do Capivari, Braço do Norte, até a Serra do Norte e Rio Gabiroba, divisando depois com São José ou Palhoça.

Sobre o movimento religioso contavam os antepassados o seguinte:

1) No antigo cemitério, que estava encravado nos terrenos pertencentes ao Sr. Reinoldo Michels distantes uns dois quilômetros do centro, em direção a São Martinho, havia um cruzeiro coberto por um pequeno telhado. Pretendiam os antigos moradores construir ali uma capela dedicada ao São João do Deserto. Neste lugar realizou-se uma missão, pregada pelos missionários Pe. José Coyben e mais um companheiro, ambos jesuítas de Nova Trento. Isto deve ter ocorrido pelos anos de 1875 a 1878, pois nessa época os mesmos missionários andavam pregando missões em Laguna, Imaruí, etc. Porém o povo nunca chegou a construir essa capela.

2) Além do ponto onde termina a rua Antonio Eufrázio Corrêa, no alto da chapada do atual cemitério, os moradores do Sertão dos Corêa começaram a construção de uma capela de tijolos, que foi levantada até certa altura, porém, nunca foi terminada.

3) O Vigário de Tubarão, Pe. Cipriano Buonocuore, vinha naquele tempo, de vez em quando, rezava a Santa Missa e administrava os sacramentos em diversas casas particulares até que em 1885 a 1887 o povo se uniu e construiu uma capela. Esta capela foi dedicada a São Pedro Apóstolo, que depois passou a se chamar Igreja do Sagrado Coração de Jesus (Igreja dos alemães). Esta capela foi visitada pelo supra mencionado Vigário de Tubarão e pelo Vigário Pe. Guilherme Roehr de Teresópolis, quando vinha de passagem para ir a São Ludgero.

Quando no ano de 1895, a Paróquia de São Ludgero, foi criada pelo Bispo D. José Camargo Barros, o vale do Capivari até o Rio Gabiroba ficou pertencendo a esta Paróquia e daí em diante foi atendida pelos Vigários desta Paróquia. Os Revmos. Mons. Francisco Topp e Pe. Auling, antes da criação da Paróquia de São Ludgero, vinham com licença do vigário de Tubarão. O Revmo. Mons. Frederico Tombrock foi nomeado Vigário de São Ludgero e daí ele e seus coadjutores visitavam a Capela com toda regularidade. Entre os co-

adjutores lembramos Pe. Guilherme Farinha, Pe. Sebastião Couto, Pe. Antonio Tertild, Pe. João Batista Kloecker e Mons. Huberto Otters.

4) Missões - A primeira missão, na capela, foi pregada pelos padres Lazaristas, Pe. Henrique Lecoste (francês) e Pe. Manoel Gonçalves (esparhol), no ano de 1910. A pedido do Pe. Frederico Tombrock, Vigário de São Ludgero, acompanhou os missionários o Mons. Giesberts, na época Vigário de Tubarão, para falar e atender aos católicos de língua alemã.

5) A construção da Antiga Matriz - A capela tornou-se pequena, pois o Vale do Capivari ficou cada vez mais povoado e a igreja precisava de uma reforma ou reconstrução completa. O Exmo. Sr. Dom João Becker, primeiro Bispo de Santa Catarina, deu a necessária licença, porém pediu que para isso se desse uma área de terra suficiente para a construção da igreja, formar uma praça, casa paroquial e escola. Porém o dono do terreno, Henrique Berkenbrock, não quis ceder área suficiente e passá-la a Mitra Diocesana. Daí o Sr. José Mendonça e o Sr. Manoel Nazário ofereceram 25 braças de terra cada um, o que foi escriturado à Mitra Diocesana, para nela ser construída a nova igreja. Com autorização de sua Excia. o Sr. Bispo, o povo guiado pelo incansável Manoel Pereira, morador de Sanga Morta e os Senhores Antonio Eufrázio Corrêa, José Mendonça, Antônio Diomário da Rosa, deu-se o início à construção de uma nova igreja bastante grande.

Tudo isso não se fez sem divergência de ambas as partes. Por fim o Sr. Bispo autorizou igualmente a reconstrução da antiga capela, ficando como padroeiro o Sagrado Coração de Jesus, com a condição de entregarem a imagem do Padroeiro São Pedro. E, para evitar descontentamentos, Mons. Francisco Topp, Vigário-Geral, deu à antiga capela uma formosa e grande imagem do Sagrado Coração de Jesus.

A atual matriz ficou, portanto, com o seu padroeiro São Pedro. Este nome passou também para toda a localidade de tal maneira que o governo e as autoridades locais, nos documentos, passaram a denominar o lugar de São Pedro de Armazém do Capivari.

Houve, nestes tempos, infelizmente, como sôe acontecer, de ambas as partes, desavenças, que, porém, aos poucos foram desaparecendo. Hoje em dia não existe mais um resquício deste sentimento antifraterno. No entanto a capela do Sagrado Coração de Jesus foi desmontada em 1964, porque o terreno era de propriedade particular, e algum material foi aproveitado na obra da nova Matriz.

As pessoas que mais se distinguiram na construção da antiga Matriz foram as seguintes: Manoel Pereira e filhos, Antonio Eufrázio Corrêa, José Mendonça, Germano Schmitter, José Philippi, as famílias Nazário, Alves, etc.

No ano de 1919 foi criado o **Curato de Braço do Norte** e, desde aquele ano, Armazém foi paroquiada pelos respectivos Vigários do Curato de Braço do Norte. Foram os seguintes: Pe. Tertuliano Simon (espanhol), Cônego Nicolau Gesing, Pe. Paulo Condla (alemão), e seu coadjutor Pe. Raulino Deschamps.

No ano de 1938, Mons. Francisco Giesberts, há 15 anos vigário de Itajaí, pediu a sua Excia. o Sr. Arcebispo Metropolitano, desligamento daquela paróquia e nomeação como coadjutor com residência em Armazém do Capivari. Tendo recebido a remoção, ele tomou posse com pleno consentimento e acordo do Vigário de Braço do Norte, no mês de maio de 1938.



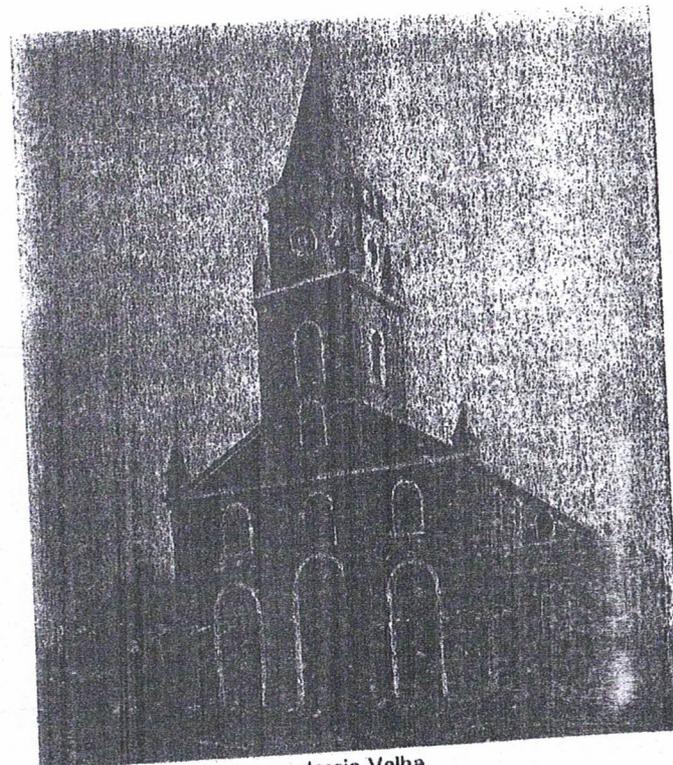
Mons. Francisco Xavier Giesberts

A casa paroquial, que havia sido construída há anos, sob a direção do vice-presidente dos fabriqueiros, Sr. Antonio Eufrásio Corrêa e que estava anos a fio servindo de escola pública e às vezes como bazar, foi remodelada para servir de residência do sacerdote.

O intuito do Monsenhor, porém não era formar uma paróquia. Com a saúde abalada, queria descansar e passar o resto de sua vida neste rincão. Em vista, porém, do movimento religioso e da numerosa assistência às funções religiosas, achou-se obrigado a convidar o povo a aumentar a igreja e construir uma torre também para o sino, que se achava "enforcado" ao lado da capela.

Para animar mais o povo, o Vigário-coadjutor, Mons. Giesberts, ofereceu o sino, no valor de 3.300\$000, pesando 80 quilos, fundido em Blumenau, com os dizeres: "São Pedro Apóstolo, Rogai por Nós". Em vista disso o povo uniu-se e, dentro de um ano, a igreja estava aumentada em 6 metros na frente, com a torre de 26 metros de altura e duas capelinhas laterais, uma para as imagens de Senhor dos Passos e do Senhor Morto, imagens que durante anos se achavam guardadas na sacristia, a outra era para a Capela Batis-

mal. A Pia Batismal foi adquirida pela subscrição de todas as mães de família. A bacia foi feita em Itajaí por um marmorista e o pé pelo marceneiro José Niedermeyer que também fez outros altares para a Igreja.



Igreja Velha

Foi neste ano que se executou a balaustrada da casa paroquial no custo de 1.300\$000. Os pedreiros da obra foram o velho João Prá e seu filho Zacarias, que porém não completaram a obra. As capelas cujos alicerces eles deixaram prontos, foram construídas pelo mestre Gabriel Corrêa.

No ano de 1940, sua Excia. o Arcebispo D. Joaquim Domingos de Oliveira, em visita pastoral, ficou admirado com o movimento religioso e pediu ao Mons. Giesberts que mandasse vir os livros para o Arquivo Paroquial, pois queria, conforme o desejo da comissão da igreja, criar a paróquia canonicamente ainda neste mesmo ano.

E assim foi criada a Paróquia de São Pedro do Alto Capivari em dezembro de 1940, pelo Decreto n° 13.577. As comunidades que passaram a pertencer à Paróquia por determinação do decreto são as seguintes: São José dos Macacos, Santa Cecília de Peroba,

Pe. Laudelino Roecker SCJ, que chegara em 16 de janeiro de 1982, serviu como coadjutor até 18 de janeiro de 1986, quando assumiu o cargo de pároco.

Seu coadjutor, Pe. Bernardo de Claraval Emmendoerfer SCJ, chegou a Armazém em 3 de fevereiro de 1986.

No dia 03 de março de 1990, tomou posse o novo Pároco, Pe. Arcelo Inácio Rockenbach SCJ.

Pe. Arcelo era achegado ao povo simples e aos colonos. Gostava de canto e música. Permaneceu em Armazém por menos de um (1) ano. Já aos 27 de fevereiro, transferiu-se para o Mato Grosso do Sul.

Aos 3 de março, do corrente ano de 1991, Pe. Joaquim Antônio Nogueira foi apresentado como Pároco à Comunidade de Armazém, pelo Vice-Provincial dos Padres SCJ, Pe. Aloisio Hellmann. Já no domingo seguinte, dia 10 de março, foi empossado por sua Revma. Bispo Diocesano, D. Osório Bebber.

Pe. Joaquim é padre novo, ordenado aos 31 de dezembro de 1988. É natural de uma das cidades mais importantes do Sul de Minas Gerais, Varginha. Estava cooperando há dois anos na Paróquia de São Martinho, desta Diocese.

É admirável como ele se dedica e empenha-se no funcionamento da Pastoral paroquial, comarcal e diocesana.

O armenzenense aprecia muito o trabalho dos Padres SCJ e favorece a sua atuação participando com boa vontade; assim aos poucos vai crescendo o trabalho pastoral e os fiéis vivem ardorosamente a sua fé.

Um destes sinais é o crescimento das vocações sacerdotais e religiosas. A maioria dos meninos que pensam em ser padres, entram nos seminários da Congregação.

Os padres, filhos de Armazém são os seguintes:

- Pe. Luiz Gonzaga Steiner SCJ
- Pe. Anselmo Schmitter SCJ
- Pe. Mauro Jungklaus SCJ
- Pe. Valério Cardoso SCJ
- Pe. Aloisio Hellmann SCJ
- Pe. Silvestre Philippi (diocesano)
- Pe. Nelson Westrupp SCJ (hoje Bispo de São José dos Campos)
- Pe. Domingos Pereira Rodrigues SCJ, e
- Pe. Adão Carlos Marcelino (diocesano).

IRMÃS RELIGIOSAS

Relação das Irmãs Franciscanas de São José:

- Irmã Robertina (Otília Jungklaus)
- Irmã Maria de Lourdes (Cristina Corrêa)
- Irmã Aparecida (Maria Philippi)
- Irmã Cárola (Albertina Willemann)
- Irmã Longina (Laura Willemann)
- Irmã Theresinha Manoel Philippi
- Irmã Sílvia (Olivia Eller)
- Irmã Paula da Rosa
- Irmã Theresinha Ignês Vieira
- Irmã Maria Amábilis (Cecília Ana de Souza)
- Irmã Estelita (Zulina Cardoso)
- Irmã Valéria Martins Nasário
- Irmã Inês Corrêa de Souza
- Irmã Neusa da Rosa
- Irmã Zulmira Aparecida Mendonça Martins
- Irmã Miriam (Lucinda Pereira)
- Irmã Armida Philippi
- Irmã Leonila (Olivia Philippi)
- Irmã Maria Aparecida Salvato

IRMÃS DA CONGREGAÇÃO DA DIVINA PROVIDÊNCIA

- Irmã Acássia (Verônica Knies)
- Irmã Veraldina (Ernília Michels)
- Irmã Jovina (Apolônia Westrupp)

CONGREGAÇÃO IMACULADA CONCEIÇÃO

- Irmã Maria Freitas

CAPELAS E CENTROS COMUNITÁRIOS

A Paróquia incorpora, hoje, 7 capelas: São Roque, São José dos Macacos, Morro de Fátima, Bom Jesus, Sanga Morta, Peroba e São Geraldo. Todas elas são regularmente visitadas pelos padres e providas de serviços religiosos. Quando não há missa, nos domingos e dias santos, os fiéis se reúnem para o culto. Existem ainda 7 Centros Comunitários, onde é rezada mensalmente a Santa Missa e onde funciona o culto dominical. Também tem vez 5 grutas: Nossa Senhora das Brotas, na estrada geral de Sanga Morta, Nossa Senhora de Lourdes, da Vila São Bernardo, Nossa Senhora Aparecida,

Ele morreu de "Ictus apoplético" ou derrame cerebral. Monsenhor tinha uma personalidade notável. Quando se tratava de dialogar para corrigir uma falha ou evitar um fracasso, ele enfrentava a realidade e lutava até as últimas consequências. Armazém deve seu progresso a Monsenhor Francisco Giesberts.

PÁROCOS POSTERIORES

Depois de Mons. Giesberts continuaram na direção da Paróquia os seguintes padres:

- Pe. Valentim Oening, de 17 de abril de 1954 em diante.
- Cônego Bernardo Philippi, de 29 de janeiro de 1956...
- Pe. Silvestre Junckes, de 11 de janeiro de 1959 e já removido para Braço do Norte em 03/02/59.
- Pe. Francisco Marini, de 8 de fevereiro de 1959.
- Pe. Isidoro Ghislandi, de 14 de fevereiro de 1960...
- Pe. Silvestre Junckes, de 1º de janeiro de 1962...
- Pe. Urbano Mendes, de 12 de janeiro de 1963...
- Pe. Silvestre Philippi, de 1º de janeiro de 1974...
- Pe. Jacinto Benedet, de 3 de março de 1974...
- Pe. Sidnei Vitali, de 28 de fevereiro de 1976...

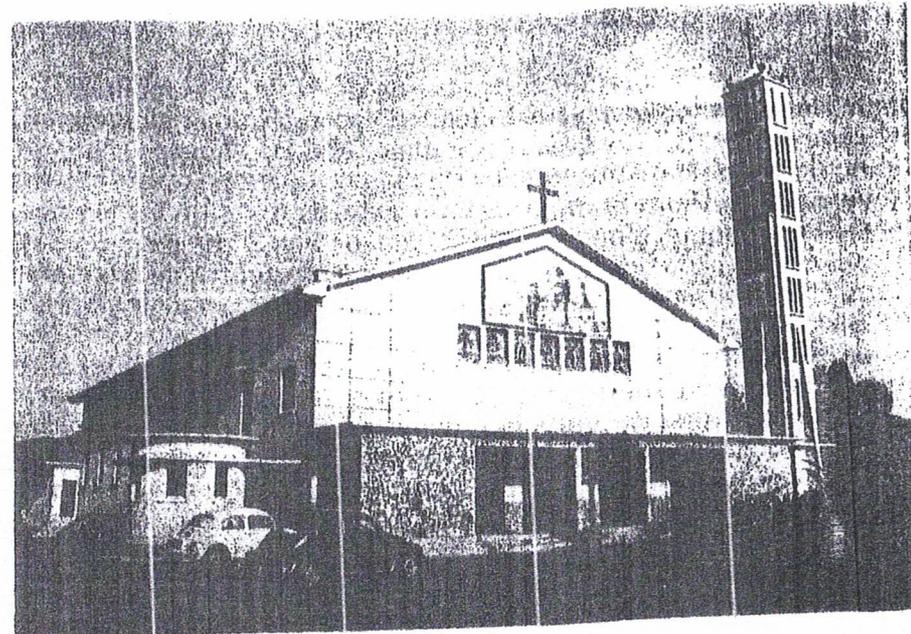
O povo de Armazém lembra com gratidão todos estes padres, pelos trabalhos que aqui realizaram e pela dedicação ao bem espiritual desta gente.

Quem realmente deste grupo, por mais tempo aqui permaneceu e muito se empenhou foi o Pe. Urbano Mendes. Ele deixou nesta comunidade uma marca profunda com a grandiosa obra da nova Igreja Matriz.

Foi no Domingo de Ramos, aos 7 de abril de 1963, com o comparecimento de numeroso público, que comunicou a decisão de construir um novo templo. Esta notícia o povo a recebeu com alegria e entusiasmo. Já no dia 15 de maio (deste ano), "foi colocada a primeira pedra da construção da Nova Matriz". Esta cena foi abrilhantada com fogos e salvas de palmas. No dia 29 de junho, festa do padroeiro, São Pedro Apóstolo, o Sr. Bispo Diocesano, benzeu a pedra fundamental. Dois anos e meio depois, aos 20 de novembro de 1966, após intenso trabalho e luta em conjunto pode a obra ser inaugurada. "Coube a mim, por vontade e bondade de Deus, presenciar o início e término da Matriz, que já foi no tempo de outros vigários o sonho do povo de Armazém. Gastamos na construção 49.506\$299, sem contar o trabalho braçal inteiramente gratuito de 25 turmas, tendo cada uma de 10 a 20 homens". Estas são palavras deixadas pelo próprio Pe. Urbano (L.T. 81/V).

DESMEMBRAMENTO

Aos 30 de janeiro de 1966, foi criada a Paróquia do Sagrado Coração de Jesus de Gravatal. Assim foram desmembradas da Paróquia de Armazém as seguintes capelas: São Miguel, Travessão, São Sebastião e Coração de Jesus de Gravatal. Com a diminuição do território paroquial, os vigários de Armazém podiam dedicar-se mais às necessidades desta população.



Igreja Nova

PADRES DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

Em 1978, a Diocese entregou a paróquia aos cuidados da Congregação dos padres do Sagrado Coração de Jesus, sendo o primeiro a assumir aos 6 de agosto de 1978 interinamente o cargo de Pároco o Pe. Luiz Gonzaga Steiner SCJ.

Em 14 de outubro deste mesmo ano, veio como coadjutor o Pe. Genésio Murara SCJ, que em 11 de fevereiro de 1979 tomou posse como Pároco. Recebeu como coadjutor, em 9 de fevereiro de 1979, Pe. Cenário Ervino Hanauer SCJ. Este substituiu o Pe. Murara no cargo de Pároco aos 16 de janeiro de 1982.

Em 25 de janeiro de 1984, Pe. José Franco Ribeiro SCJ, foi empossado como Pároco.

Pe. Laudelino Roecker SCJ, que chegara em 16 de janeiro de 1982, serviu como coadjutor até 18 de janeiro de 1986, quando assumiu o cargo de pároco.

Seu coadjutor, **Pe. Bernardo de Claraval Emmendoerfer SCJ**, chegou a Armazém em 3 de fevereiro de 1986.

No dia 03 de março de 1990, tomou posse o novo Pároco, **Pe. Arceio Inácio Rockenbach SCJ**.

Pe. Arceio era achegado ao povo simples e aos colonos. Gostava de canto e música. Permaneceu em Armazém por menos de um (1) ano. Já aos 27 de fevereiro, transferiu-se para o Mato Grosso do Sul.

Aos 3 de março, do corrente ano de 1991, **Pe. Joaquim Antônio Nogueira** foi apresentado como Pároco à Comunidade de Armazém, pelo Vice-Provincial dos Padres SCJ, Pe. Aloisio Hellmann. Já no domingo seguinte, dia 10 de março, foi empossado por sua févma. Bispo Diocesano, D. Osório Bebbber.

Pe. Joaquim é padre novo, ordenado aos 31 de dezembro de 1988. É natural de uma das cidades mais importantes do Sul de Minas Gerais, Varginha. Estava cooperando há dois anos na Paróquia de São Martinho, desta Diocese.

É admirável como ele se dedica e empenha-se no funcionamento da Pastoral paroquial, comarcal e diocesana.

O armazenense aprecia muito o trabalho dos Padres SCJ e favorece a sua atuação participando com boa vontade; assim aos poucos vai crescendo o trabalho pastoral e os fiéis vivem ardorosamente a sua fé.

Um destes sinais é o crescimento das vocações sacerdotais e religiosas. A maioria dos meninos que pensam em ser padres, entram nos seminários da Congregação.

Os padres, filhos de Armazém são os seguintes:

- Pe. Luiz Gonzaga Steiner SCJ
- Pe. Anselmo Schmitter SCJ
- Pe. Mauro Jungklaus SCJ
- Pe. Valério Cardoso SCJ
- Pe. Aloisio Hellmann SCJ
- Pe. Silvestre Philippi (diocesano)
- Pe. Nelson Westrupp SCJ (hoje Bispo de São José dos Campos)
- Pe. Domingos Pereira Rodrigues SCJ, e
- Pe. Adão Carlos Marcelino (diocesano).

IRMÃS RELIGIOSAS

Relação das Irmãs Franciscanas de São José:

- Irmã Robertina (Ottília Jungklaus)
- Irmã Maria de Lourdes (Cristina Corrêa)
- Irmã Aparecida (Maria Philippi)
- Irmã Cárola (Albertina Willemann)
- Irmã Longina (Laura Willemann)
- Irmã Theresinha Manoel Philippi
- Irmã Sílvia (Olivia Eller)
- Irmã Paula da Rosa
- Irmã Theresinha Ignês Vieira
- Irmã Maria Amábilis (Cecília Ana de Souza)
- Irmã Estelita (Zulma Cardoso)
- Irmã Valéria Martins Nasário
- Irmã Inês Corrêa de Souza
- Irmã Neusa da Rosa
- Irmã Zulmira Aparecida Mendonça Martins
- Irmã Miriam (Lucinda Pereira)
- Irmã Armida Philippi
- Irmã Leonila (Olivia Philippi)
- Irmã Maria Aparecida Salvato

IRMÃS DA CONGREGAÇÃO DA DIVINA PROVIDÊNCIA

- Irmã Acássia (Verônica Knies)
- Irmã Veraldina (Emília Michels)
- Irmã Jovina (Apolônia Westrupp)

CONGREGAÇÃO IMACULADA CONCEIÇÃO

- Irmã Maria Freitas

CAPELAS E CENTROS COMUNITÁRIOS

A Paróquia incorpora, hoje, 7 capelas: São Roque, São José dos Macacos, Morro de Fátima, Bom Jesus, Sanga Morta, Peroba e São Geraldo. Todas elas são regularmente visitadas pelos padres e providas de serviços religiosos. Quando não há missa, nos domingos e dias santos, os fiéis se reúnem para o culto. Existem ainda 7 Centros Comunitários, onde é rezada mensalmente a Santa Missa e onde funciona o culto dominical. Também tem vez 5 grutas: Nossa Senhora das Brotas, na estrada geral de Sanga Morta, Nossa Senhora de Lourdes, da Vila São Bernardo, Nossa Senhora Aparecida,

da Vila Nova, Santa Luzia no caminho do Taquaruçú e Nossa Senhora de Lourdes no caminho do Sertão. Na primeira é celebrada a Santa Missa todo o mês e nas demais alguma vez por ano.

PASTORAL

Os padres, além do atendimento sacramental, têm se dedicado muito à Evangelização e à Pastoral do povo. Existe o Conselho Administrativo (CAEP), que tem o seu encargo a administração financeira da paróquia, mas existe também o Conselho Pastoral da Paróquia (CPP), que por sua vez planeja, orienta e coordena a execução deste programa. É composto de representantes dos grupos incumbidos das tarefas pastorais. O Conselho Pastoral promove a participação dos fiéis na missão evangélica, tornando a Comunidade uma Igreja Viva.

Em Armazém os grupos engajados nestes serviços são estes:

- **EQUIPE DE CATEQUESE** (Pré-Catequese, primeira Eucaristia, Perseverança, Educação Religiosa e Crisma).
- **LITURGIA** (Ministros, Equipe de Liturgia, Coral).
- **EQUIPE DE CURSO DE BATISMO**
- **EQUIPE DE CURSO DE NOIVOS**
- **MOVIMENTOS DE JOVENS** (formando redutos em cada comunidade rural)
- **PASTORAL DA CRIANÇA**
- **GRUPOS DE REFLEXÃO**
- **MOVIMENTO DE IRMÃOS**
- **LEGIÃO DE MARIA**
- **CURSILHO DE CRISTANDADE**
- **CLUBE DA LADY** (encarregada dos pobres e necessitados)
- **GRUPO DA PASTORAL DOS ENFERMOS OU DA SAÚDE**
- **APOSTOLADO DA ORAÇÃO.**

Há pessoas que fizeram o curso de agentes de pastoral e algumas estão participando do curso de teologia para leigos, promovido pela Diocese de Tubarão. Pensa-se em chegar aos poucos ao funcionamento das Comunidades Eclesiais de Base (CEBS) e a paróquia está se tornando uma Igreja Viva.

O grande impulsionador de todo este serviço pastoral foi o Sínodo Diocesano, iniciado no processo de preparação em fevereiro de 1983 e que se estendeu até março de 1984. Quem atua na implantação e execução destes trabalhos é o Conselho Diocesano de Pastoral.

Toda promoção desta nova pastoral exige dos padres um enorme esforço e despreendimento. O padre que mais se dedicou na implantação e no funcionamento desta Nova Igreja em Armazém foi o Pároco, Pe. Laudeino Roecker. Todo entregue na implantação desta obra de imenso valor, não poupa tempo nem energia para conseguí-lo. Além disso, concede espaço a um caridoso e numeroso atendimento e aconselhamento pessoal. Foi por isso que o povo, em 16 de dezembro último (1988), festejou entusiasticamente os seus 10 anos de vida sacerdotal.

Fontes: Informações verbais, epistolares e Livro de Tombo.

ASPECTO SOCIAL

Pe. Domingos Pereira Rodrigues S.C.J

1. Educação e Ensino

Incontestavelmente, a educação e o ensino constituem à qualquer comunidade o fator mais decisivo para capacitar os seus membros a assumir e determinar o próprio futuro.

Por certo, adiante, cada pessoa cultiva dentro de si o desejo de conhecer mais e melhor esse número de complexidades que pairam ao nosso redor. Para tanto, mister se faz a presença de mestres gabaritados ou, ao menos, dotados de conhecimentos suficientemente necessários para essa finalidade. Plano excelente esse; impossível, porém, de ser realizado entre os pioneiros da recém-formada união de famílias nas plagas armazenenses.

1.1. As Escolas Pagas

Mesmo não havendo escolas, alguns dentre os pioneiros, dotados de certos conhecimentos de cálculo e de escrita, tentaram transmitir as primeiras letras e números, em suas próprias casas ou adjacências particulares.

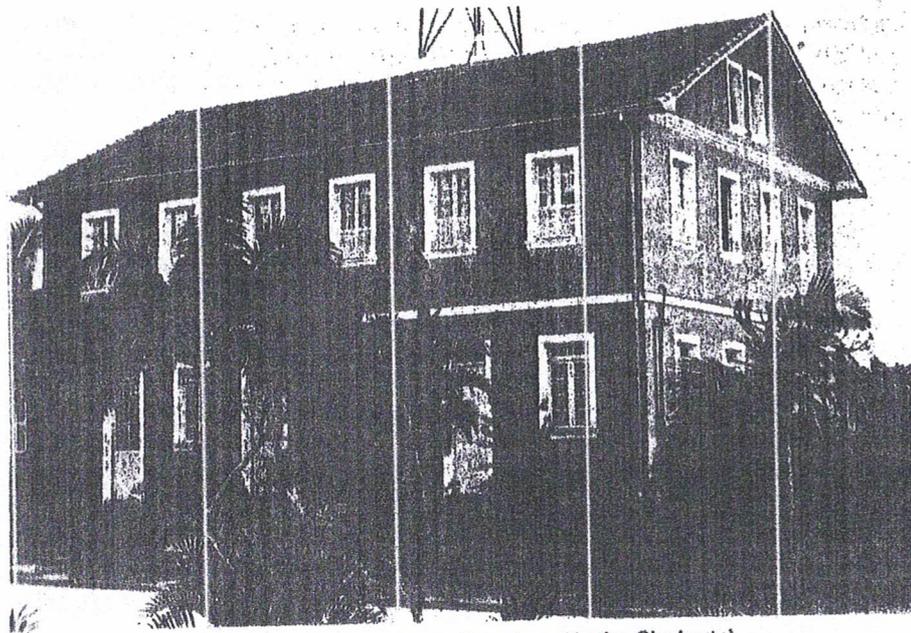
Esse tipo de escola, chamado escola paga (o professor era remunerado pelos pais), funcionava tanto no centro como nos arredores, hoje, bairros do município.

Registra-se aqui a existência de uma destas escolas que funcionava na Igreja dos alemães, dirigida pelo professor Frederico Vanderlinde, em 1937. "Era bem rigoroso, só não aprendeu com ele, quem não tinha interesse mesmo. Sua disciplina era rígida. Os pais o remuneravam com pequenas mensalidades". Um outro professor que prestou seus serviços para os primeiros habitantes era conhecido como Artur Dreksler, que dava aulas particulares em alemão e em português.

É com certeza que antes dessas escolas acima citadas, existiram outras de menor envergadura. É colocado como a primeira professora de Armazém, a Senhora Inocência Albino. Fala-se ainda dos professores: Arnaldo Ginguar e Janoca Antônio Roque.

Sabe-se também que muito cedo existiu no Sertão dos Corréa, uma escola particular dirigida pela professora Ana Corrêa. As escolas particulares de Sanga Morta também remontam do pioneirismo. A primeira funcionou na residência de João Cândido, dirigida por sua filha Rosa Cândido. A segunda funcionou na fazenda de Fernando Felipe, com a professora Ema Holtausen. Outras escolas particulares que muito beneficiaram o povo de Sanga Morta foram: A escola da Professora Armida Philippi, que ministrava as lições no "paiol" (depósito de cereais) de seu pai Manoel Philippi; a escola de Josefina Michels que funcionava perto da Igreja velha de Sanga Morta, e posteriormente foi transferida para junto da nova capela, quando começa a existir a Escola Isolada Antônio Diomário da Rosa; a escola de Lídia Martins que funcionou no Mundo Novo.

Existiram também escolas particulares nos outros bairros até o aparecimento das escolas estaduais e, com a criação do município, as municipais.



1ª Sede Colégio (Mons. Francisco Xavier Giesberts)

1.2. Histórico do Colégio

Baseando-se no Diário Oficial, na memória de algumas pessoas e nos arquivos do Colégio "Mons. Francisco Xavier Giesberts," posso afirmar que já na década de 1930, existia uma escola estadual a nível primário, onde havia a decisão de classe por sexo. "Antes da chegada do Monsenhor, existia já a escola estadual com duas classes, uma só para meninos que eram alunos de Janoca Antônio Roque, e outra só de meninas, que tinham como professora a Isaura". A escola masculina funcionava na margem direita do rio, sendo transferida para a outra margem em 1944 (C.F. apêndice nº 7).

O ensino ganhou corpo em Armazém, em 1949, quando foi inaugurada a Escola Reunida Anfilóquio Praça, que posteriormente tomou o nome de Escola Reunida Monsenhor Francisco Giesberts. O Monsenhor, como consta no capítulo anterior, muito lutara para a prosperidade da educação desde que chegou em Armazém. Em 1955, pelo decreto estadual nº 790 de 03/09/55, cria-se o Grupo Escolar com denominação Monsenhor Francisco Giesberts (C.F. apêndice nº 8). Em 1959 foi criado o curso Normal-Regional São José e em seguida passa a Ginásio Normal São José. Em 1971, pelo decreto Estadual nº SEE de 08/02/71, o Ginásio Normal São José passa a compor a Escola Básica Monsenhor Giesberts (C.F. apêndice nº 8).

Pelas inúmeras formaturas de Ginásio Normal que realizavam anualmente, urgia a criação de um curso a nível de segundo grau, pois os estudantes que desejavam prosseguir os estudos precisavam se deslocar até Tubarão, e posteriormente até Gravatal. Este sonho torna-se realidade em 1974 quando pelo decreto N/SEE de 03/07/74 nº 722, foi aprovado em nosso município o tão desejado curso de segundo grau, com o nome de Ministro Jarbas Passarinho, e passou a funcionar no prédio da Escola Básica Mons. Francisco Giesberts. Mais tarde as duas escolas foram transformadas em Colégio Ministro Jarbas Passarinho, denominação definida pela Secretaria de Educação do nosso Estado. Mas, por anseio do povo armazenense, depois voltou a chamar-se Colégio Monsenhor Francisco Giesberts. Em 1975 o curso de segundo grau definiu-se em habilitação para auxiliar de escritório (C.F. apêndice nº 9).

1.3. O Ensino Atual no Município

Hoje Armazém é a sede da 5ª CLE (Coordenadoria Local de Educação) abrangendo os municípios de Gravatal, Armazém e São Martinho; da segunda UCRE (Unidade de Coordenação Regional) estabelecida em Tubarão.

O município conta com vinte estabelecimentos de ensino, treze estaduais, sete municipais e dois jardins de infância.

Colégios Estaduais:

- Colégio Monsenhor Francisco Giesberts; funcionam no mesmo curso de primeiro e segundo graus. Localiza-se na sede e comporta quarenta membros do corpo docente.
- Escola Básica Antônio Diomário da Rosa: fica em Sanga Morta e possui doze professores.
- Escola Isolada São José: em São José dos Macacos. Possui um professor.
- Escola Reunida Professor Lauro Locks, em Vila Nova com um professor.
- Escola Isolada Bom Jesus do Alto Capivari: dois professores.
- Escola Isolada Mundo Novo: um professor.
- Escola Isolada Sertão dos Corrêa: um professor.
- Escola Isolada São Cristóvão: um professor.
- Escola Isolada São João: um professor.
- Escola Isolada Rio das Antas: um professor.
- Escola Isolada São Geraldo: um professor.
- Escola Isolada Taquaruçú: um professor.

Escolas Municipais:

- Escola Isolada Arnaldo Michels, em Sertão dos Corrêa: com dois professores.
- Escola Isolada Santa Rosa: um professor.
- Escola Isolada Mineração: um professor.
- Escola Isolada Rio Carolina: um professor.
- Escola Isolada Olaria: dois professores.
- Escola Isolada Alemanha: um professor.
- Escola Isolada Alto Bom Jesus.

Jardins de Infância:

- Jardim de Infância Chapeuzinho Vermelho: localiza-se na sede e possui dois professores.
- Jardim de Infância Nossa Senhora Aparecida, Vila Nova: um professor.

Portanto, Armazém conta hoje com cento e trinta e dois membros do corpo docente que atuam em todo o município, com o objetivo de promover a educação e desenvolver as potencialidades cognitivas de nossos estudantes, que segundo um estudo realizado em 1982 pela 5ª CLE, o nível de aprendizagem de nossos alunos é consideravelmente bom (C.F. anexo nº 10).

A educação em Armazém não se restringe apenas ao ensino escolar vinculado ao CEE (Conselho Estadual de Educação), mas existem diversos clubes de serviços.

- Cursos de Iniciação Profissional promovidos pela LBA (Legião Brasileira de Assistência).
- Cursos de Datilografia, Corte e Costura, Crochê, Tricô e Culinária, promovidos pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais.
- Uma variedade de cursos promovidos pelo Mobral, quais sejam: Programa de Iniciação para o Trabalho (PETRA) Bordado a mão - artesanato em palha; Arranjos de Natal; pintura em tecido; Programa de Educação para Saúde (PES); Educação Integrada - Alfabetização funcional; Programa Cultural; Encanador, Hortas, Veterinário, etc.

Como fonte de pesquisa, o município conta com um Posto Cultural e uma Biblioteca na Prefeitura, que é auxiliada pela pequena Biblioteca do Colégio.

2. Saúde

A população de Armazém, pela boa alimentação e o contato com a natureza, tem demonstrado bom grau de saúde.

Entretanto, isto não significa que não seja necessária uma rede hospitalar adequada para servir o povo.

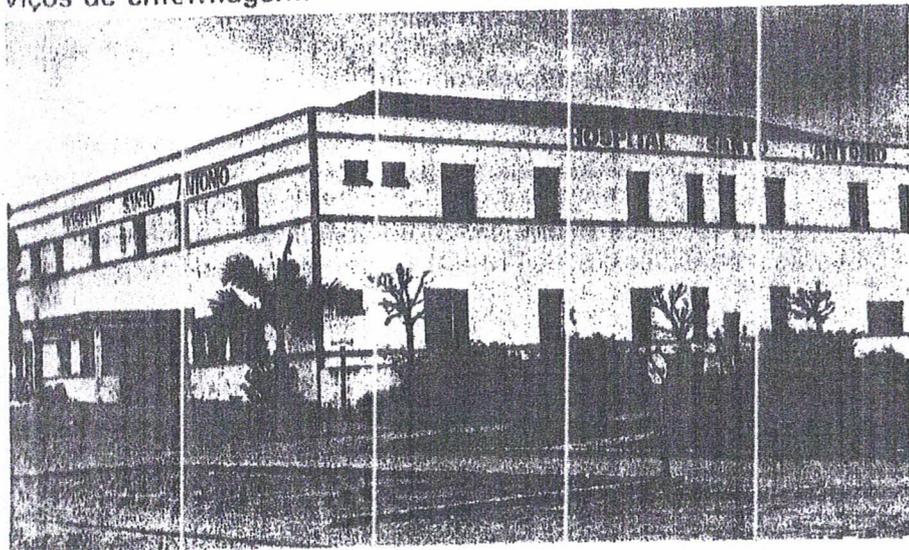
Os nossos desbravadores não dispunham de um serviço médico e hospitalar como hoje existe. Apelava-se quase sempre para as ervas, das quais extraía-se amargos chás, capazes até de curar muitas doenças. Tinha-se, dentre os habitantes, algumas pessoas entendidas no assunto. Por ex.: Manoel Faustino e Maria Gregório eram os destacados doadores de remédios. A primeira parteira conhecida era a senhora Esmilinda Corrêa.

Quando os chás não resolviam ou o problema era de outra natureza, o paciente era levado de canoa para Tubarão. Por vezes, nem mesmo dava tempo de chegar ao hospital devido a longa distância, falecendo a vítima em meio ao caminho.

Sabe-se que por volta de 1915 rondou a terrível epidemia do paratifo, que molestou muitos armazemenses (esta epidemia voltou a atingir a população novamente na década de vinte). Ainda por volta de 1918, Armazém sofre o flagelo da gripe Espanhola, que contagiou muitas pessoas. Tal epidemia dizimou em todo o Brasil, quinze mil pessoas.

Apesar de tudo, com o passar do tempo, as coisas foram melhorando. Surgiram as farmácias, cujos farmacêuticos faziam até pequenas cirurgias. Conhecia-se a farmácia de João Araujo, que também serviu a comunidade antes do hospital.

Já existia o Posto de Saúde quando foi fundado o hospital. Utilizando a Casa Paroquial com algumas ampliações, a comunidade, ajudada pela Prefeitura, e amparada pelo decreto lei 119-28/03/69, funda o hospital com a denominação de Hospital Santo Antônio. O primeiro médico, que prestou seus serviços no mesmo, foi Jesus Montana Nega. As irmãs Franciscanas de São José iniciaram os serviços de enfermagem.



Hospital Santo Antonio

Um curioso fato que vem marcar o início do Hospital tornou-se famoso com a divulgação do mesmo pela Rede Globo de Televisão, numa série do programa "Caso Verdade" transmitido em agosto de 1982, do dia vinte e três ao dia vinte e sete (C. F. apêndice N° 11). A dramática história ocorrida em Armazém diz respeito ao dilema de Maria de Lurdes Zimermann, quando trocou o hábito para criar "Nino" (Angelino Freitas), que tinha sido rejeitado pela mãe em 1970. Devido aos maus tratos recebidos nos dois primeiros anos de vida, Nino veio a falecer dois anos depois (em vinte e um de outubro de 1972) e foi sepultado no cemitério local. A morte de Nino, não mencionado no seriado da Globo, foi um choque desesperador para Maria de Lurdes que abandonara o hábito naquele mesmo ano. Porém, ela própria diz: Eu suportei mais esta provação divina" (3). Esta história é amplamente descrita no livro de autoria de Edi Zimermann (irmã de Maria de Lurdes), "Jornada de Amor". Sua vida, hoje, resume-se a um trabalho de enfermeira no Hospital Santo Antônio em Blumenau e na rotina do lar. É casada com Tadeu Cardoso e mora no município de Indaial.

Atualmente o hospital conta com um adequado prédio, o suficiente para atender as necessidades da população. Possui uma razoável aparelhagem técnica, serviços de radiologia e análise clínica, atuando três médicos e uma boa equipe de enfermeiros e outros funcionários. Este hospital já mantém vínculo com o INAMPS (Instituto Nacional de Assistência e Previdência Social), podendo as pessoas serem atendidas também pelo IPESC e UNIMED.

Além do hospital existem, no município, duas farmácias e o Posto de Saúde, que proporciona assistência médica aquelas pessoas que, não sendo contribuintes de nenhum Instituto da Previdência, não tem condições de pagar médicos particulares.

Quanto ao serviço de odontologia, o município é relativamente bem equipado. O primeiro dentista que atuou na cidade foi Eugênio Boslei. Posteriormente foi aumentando o número e hoje tem-se três dentistas no município, sendo que um dentre eles, Nicolau Tomas Corrêa, trabalha com prótese. Os demais são: Gabriel Bianchete e Cleia Saldanha, vinculada ao Furrural.

3. Assistência Social e Sindicatos

Com o objetivo de zelar pelo bem-estar integral de todo o povo, foi criado em 1979, uma entidade assistencial junto à prefeitura de Armazém, abrangendo todos os ramos de necessidades elementares no setor social: saúde, auxílios caritativos, operação-criança, etc.

Outra forma de promoção de bem-estar e da justiça social que o município dispõe são dois sindicatos: Sindicato dos Trabalhadores Rurais, criado em 1970, sendo primeiro presidente (ainda hoje) Agostinho João Machado e o Sindicato dos Empregadores, criado em 1969 por Valdemiro Michels.

O que se percebe no movimento sindicalista armazenense é a falta de espírito sindicalista. Os trabalhadores e/ou empregadores associados pensam que só os seus líderes devem conseguir todas as reivindicações, esquecendo-se que o sindicato são eles mesmos.

4. Comunicação

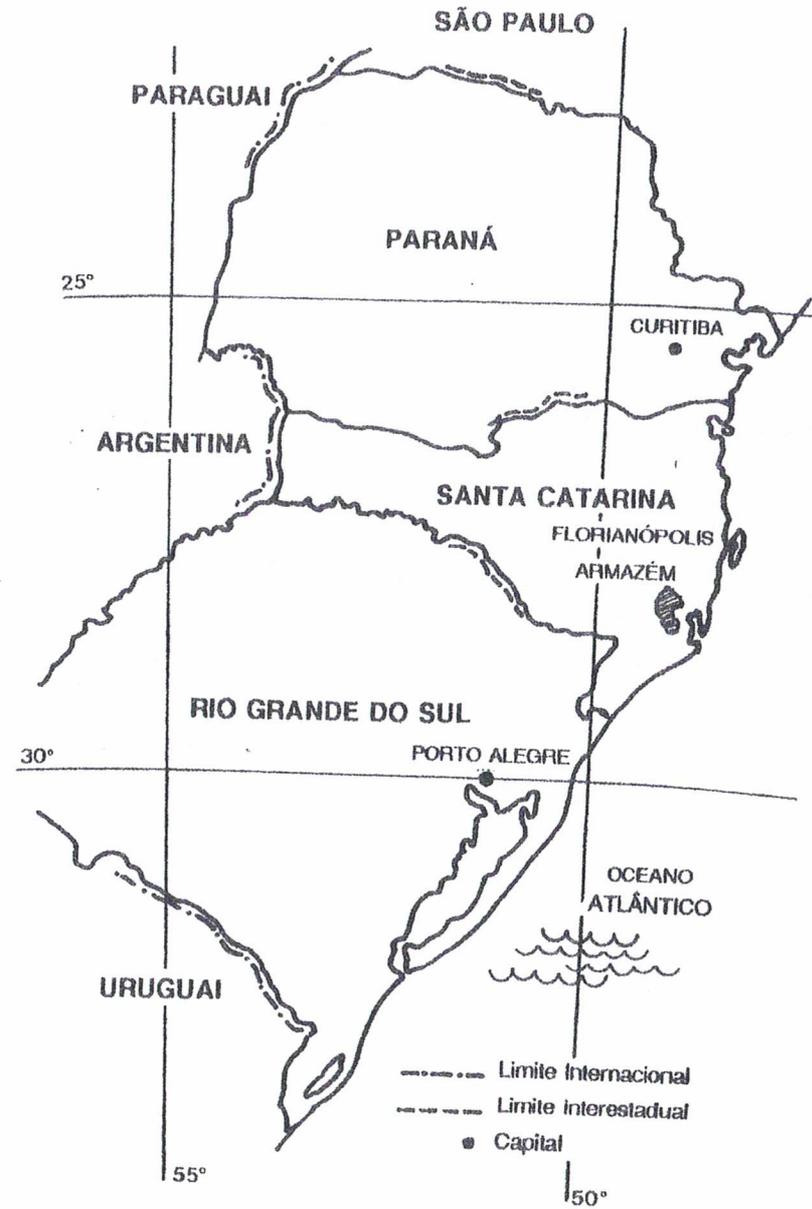
O sistema de comunicação do município, embora não tenha chegado ao seu pleno desenvolvimento, no entanto, a população consegue ficar a par de tudo ou quase tudo o que acontece à sua volta.

Desde 1915, Armazém já contava com uma Agência de Correios e Telégrafos. O senhor Manduca Pereira o primeiro agente, sendo depois substituído pelo senhor Antônio Pedro Martins, Sra. Lorena Scheidt, Tadeu Wensing. Hoje a Agência de Correios e Telégrafos está a cargo de Alcindo Andrade Silva, que atende a um considerável movimento de recebimentos e despachos de correspondências.

HINO DE ARMAZÉM

É berço que nos viu nascer. Esta terra abençoada por
 Deus. De luz resplendem os horizontes. Verdes matas em
 suas fontes. Torrão querido abençoado, Deste povo és a-
 mado: Cidade amiga. Arma-zém és jovem, forte, ergue os
 braços ao hospedeiro, és pedaço de chão brasileiro. É
 povo que se orgulha. De ser nobre, viril e ordeiro.

A REGIÃO SUL DO BRASIL



Em 1965 José Valdir Michels aventurou-se a fundar uma emissora de rádio, a título de experiência com o nome de "Rádio Difusora de Armazém". Porém não subsistiu.

Atualmente existe no município uma agência da TELESC, que teve início em 1975. Esta central atende um número significativo de telefones já instalados em Armazém. Contamos ainda com uma repetidora de imagens de televisão, refletindo com certa nitidez as imagens da Rede Globo, através da TV Coligadas, da rede Bandeirantes e da TV Cultura de Florianópolis.

5. Cultura.

O homem, ser social por sua própria natureza não pode viver isolado de seus semelhantes. Seu habitat é a comunidade local, onde todos devem se auxiliar mutuamente em espírito de colaboração.

Além disso, cada qual é diferente em sua constituição fisiológica, o que favorece para que cada um possa dar sua contribuição original, a fim de formar o todo. Assim sendo, tudo o que os homens criaram e ainda criam para viver em sociedade nada mais é do que cultura.

E o povo armazenense, por sua vez, não deixou de contribuir na execução de algo que a posteridade pudesse observar. Ao se deslocarem para a inóspita região, a maioria dos pioneiros carregaram consigo o "modus vivendi" de sua terra natal. E, no novo ambiente, os velhos costumes, tradições, maneira de ser e de se comportar foram reavivadas. É sabido que o armazenense é um povo de características essencialmente agrárias. E, por conseguinte não se pode exigir dele um nível cultural deveras elevado.

Dessa forma, a seu modo, a população dá grande ênfase às festas, principalmente às dos padroeiros. Cada comunidade organiza antecipadamente a festa, a fim de que ela saia da melhor maneira possível. As festas geralmente são acompanhadas de bailes muito animados, que se realizam nos salões das igrejas. Os bailes, desde o início, foram frequentes na região. Nos primeiros tempos muitos eram realizados em galpões ou adjacências das casas, ao som de um acordeão. Na atualidade muita coisa mudou: são feitos nos salões das comunidades e são animados por conjunto musical. Destacam-se hoje em Armazém dois salões de boa aparência, próprios para bailes; A Sociedade Recreativa Alvorada, que conta com um ótimo salão de dança e o Salão Dez de Fevereiro (Ventania), de propriedade particular.

A influência espanhola tem sido marcante no sul do país. E como Armazém manteve contatos, pelo já visto caminho das tropas, com o Rio Grande do Sul e outras regiões, onde o elemento espanhol fez-se presente, recebeu também influências da cultura

espanhola. Isto é evidenciado pelo tipo de dança chamado "rancheira"; por certos vocábulos típicos como: sanga (pequeno lago), carnear (abater) e outros.

Outro costume da comunidade que deixou marcas folclóricas foi a "festa do boi", conhecida pelos armazenenses como "o boi na vara". Este divertimento é herança do açorianismo, que trouxe um "estranho" costume de divertir-se com a fúria de um boi. Tal brincadeira consiste em amarrar em uma longa corda um boi, na ponta de uma vara maleável, fircada no chão. Enfurecer, depois, o animal o ponto de ele precipitar-se sob o seu provocador. Mas ao ter avançada certa distância, a madeira curvava-se e fazia o bovino voltar ao seu limite espacial. Esta brincadeira teve início nos primórdios deste século em várias localidades de Armazém e diz-se que atraía muitos expectadores. Entrevistados identificados alguns personagens que comandavam esta brincadeira de boi na vara, conhecido por Cabo Verde: Elias Piedade e outros.

Nossa tradição cultural também é marcada pelas frequentes corridas de cavalos que se faziam em diversos locais de Armazém. As primeiras corridas teriam sido realizadas na propriedade de Henrique Berkembrock, hoje propriedade de Francisco Loff.

Fala-se também das famosas corridas de argolinhas que atraíam muitos participantes. Este esporte consistia em fixar uma frágil argola acima da altura da cabeça de um ginete montado. O cavaleiro deveria, em plena corrida, fazer passar o seu relho (chicote de couro torcido) ou um bastão por dentro da pequena argola e conseguir apará-lo do outro lado. Tendo conquistado tal prova era gratificado com pequenas recompensas, geralmente bolos ou roscas feitas de farinha de trigo ou polvilho.

Hoje já não existem mais estes costumes devido a infiltração "modus-vivendi" (maneira de viver) dos grandes centros que penetram pelos complexos meios de comunicação.

Nossa gente também gostava de acompanhar e praticar esportes, que se restringe de modo geral ao futebol. Em quase todos os bairros do município existe um campo de futebol e geralmente "acessorado" por uma quadra de futebol de salão. Os times mais organizados do município são: O União, Veteranos de Armazém e Veteranos da Romi (times da sede); São Domingos (time do Bairro de Sanga Morta); Bom Jesus, Olaria, Vila Nova. Enfim cada bairro organiza a seu modo um time e pratica o futebol, que é o esporte favorito do Brasil e o mais divulgado de todo mundo.

A VOLTA AO SERTÃO

Foi no sertão que eu nasci,
No sertão eu me criei.
Com meus pais permaneci,
Aos dezesseis, me mandei.

Subi na grande cidade,
Nosso mundo me atraiu,
E, p'ra dizer a verdade,
O meu coração fugiu.

Conheci bem outra gente,
Alguma coisa aprendi:
Sempre melhor quem não mente
Do que voz de bem-te-vi.

Andando por toda parte,
Muita coisa já mudou:
Gostei mesmo da bela arte
Como vibrei com o show.

Hoje de volta ao sertão,
Procuro a minha família
E choro com emoção:
Não a encontro nesta ilha!

Subi serra, desci serra,
Serra do Capivari,
Quem feliz me ver quisera,
Traga minha mãe aqui!

Pe. Bernardo de Carvalho SCJ

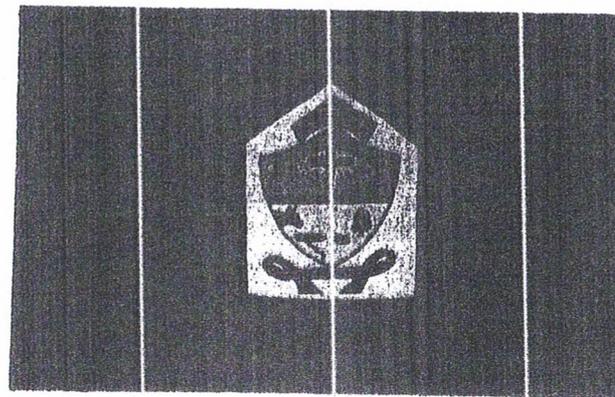
SÍMBOLOS MUNICIPAIS

Pe. Domingos Pereira Rodrigues SCJ

O BRASÃO

O Brasão, insígnia que representa através de figuras a nobreza do município, foi oficializado e feito por três professores do Colégio Mons. Francisco Giesberts, sendo eles: Maria Lourdes Wensing Steiner, Rodolfo Pedro Felisbino e Orlando Michels.

As representações simbólicas estão divididas basicamente em três partes: Uma coroa, um corpo que sugere a forma de cone e uma faixa. A coroa representa a indústria cerâmica do município; o corpo, dividido por faixa azul escura, simboliza a hidrografia. Na parte superior contém, de um lado, a constelação do cruzeiro do sul, indicando o hemisfério em que o município se localiza; do outro lado, é simbolizado o sol e, no centro, duas mãos dadas sobre uma cruz, representando a união e a fé do povo. Tais símbolos repousam sobre um fundo azul, que representa a harmonia do firmamento. A parte inferior quer sugerir o cotidiano da vida do povo inserido nas condições naturais que o município oferece. O amarelo representa a riqueza em geral, a cabeça de gado simboliza a pecuária, a planta verde representa o cultivo do fumo, que é uma expressiva fonte de renda. As pedras representam o minério de fluorite que é explorado em Armazém. O lago e o rio querem sugerir as águas termais de que o município dispõe. Embaixo do Brasão está subscrito em uma faixa o nome do município com a data da emancipação.



Bandeira do Município

A BANDEIRA

A Bandeira de Armazém foi criada em 1971.

A composição de tal símbolo resume-se em três faixas longitudinais que envolvem o brasão, o qual ocupa o centro da bandeira. A simbologia das faixas são as seguintes: a cor vermelha representa a luta e o trabalho, fatores de engrandecimento do município; o amarelo, a riqueza do município; o verde representa a vegetação que abunda no município.

ECONOMIA

Pe. Domingos Pereira Rodrigues - SCJ

A estrutura fundiária do nosso município, em razão da adaptação dos primeiros desbravadores, vicentistas e açorianos, baseou-se na pequena-média propriedade, que não se confunde com o minifúndio, que também existe. Os açorianos e vicentistas, que se estabeleceram no sul do Estado, adaptaram-se à economia variada. Este tipo de economia não exige das famílias a posse de grandes extensões de terras. Nessas estruturas as maiores glebas são partilhadas pelos minifundiários, os quais arrendam áreas para plantações e assim todos conseguem viver, plantando e colhendo produtos de todo gênero.

Além do arrendamento, outro recurso encontrado para suprir falta de terras, foi o comércio, que via de regra é realizado através do escambo (troca de mercadoria), a que se entrega cada lavrador depois de cultivado o seu pequeno e médio quadro de terra.

AGROPECUÁRIA

A base econômica dos primeiros ocupantes das terras Armazenenses era a agricultura e pecuária. Esta última ligou-se, desde início com o comércio dos tropeiros do Planalto Lageano, que será tratado no próximo item.

A preocupação primordial dos pioneiros com relação à economia, era acompanhar os ciclos do plantio dos vários produtos, para que cada qual a seu tempo, suprisse os celeiros e depósitos, os quais possuíam boa capacidade de armazenagem, o suficiente para consumo familiar durante todo o ciclo produtivo de colheita a colheita. Nesta economia de subsistência os produtos que predominavam eram o milho, a mandioca, o feijão, a batata-doce, o mendoim, o arroz, a cana-de-açúcar etc. Eram plantadas também algumas árvores frutíferas formando um pequeno pomar, e cultivava-se uma pequena horta.

Além desta agricultura, ocupavam-se também nossos antepassados com a criação de animais domésticos que eram utilizados na alimentação, no transporte, e como tração para o preparo do solo. As criações que compunham esta incipiente pecuária podem ser distribuídas nas seguintes culturas: bovina, suína, equina, caprina, ovina. Lidavam ainda com piscicultura, apicultura e avicultura.

O gradativo progresso que se verificou, principalmente as novas técnicas trazidas pelos alemães, consistia na correção do solo pelo uso de fertilizantes e inseticidas, e no uso de novas sementes. O elemento germânico trouxe ainda novos métodos de criar e lidar com os animais domésticos.

Com este perfeito entrosamento étnico no setor agropecuário, o município pode se desenvolver economicamente e acompanhar o progresso de todo o Estado.

A partir de 1936, um novo produto começa a emergir na agricultura armazenense: o fumo. Devido as condições de crédito financeiro e assistência técnica, oferecidos pela Souza Cruz, o fumo torna-se o produto mais cultivado, superando enormemente as demais culturas.

Hoje, apesar de promoções e outros incentivos ao cultivo de outros produtos (notadamente o milho), o fumo continua dominando o setor agrícola.

No campo da pecuária nota-se uma boa criação de gado bovino, inúmeras granjas de porcos e algumas aves e, em pequena escala, diversas espécies de animais domésticos, incluindo alguns tanques de peixes.

COMÉRCIO

Sabemos que foi graças ao intercâmbio da área do planalto de Lages e do litoral que se originaram muitos lugarejos ao longo do caminho das tropas. A origem de Armazém encerra um forte comércio entre os primeiros habitantes com os tropeiros serranos. A intensidade deste comércio pode ser medida com a identificação do tal povoado pelo nome de Armazém, que expressa o sentido local de comércio. Além do estabelecimento comercial do Sertão dos Corréa existia outro nas proximidades do Rio Capivari, de propriedade de Jacinto Dias, que foi aberto desde o início do povoado e foi muito significativo, tanto para os serranos, como para os moradores locais. O pernoite dos tropeiros era esperado com alegria, pois quase sempre todos faziam bom negócio, oferecendo produtos de todo gênero e recebendo produtos de pecuária trazida pelos viajantes.

"O serrano Claudio descia da serra com sessenta a oitenta bois, nas épocas do entrudo (brincadeira de carnaval) e os vendia

para o povo daqui em três ou quatro dias" (1). Era uma envolvente feira que repercutia em todos os recantos.

Foi por causa desta experiência comercial, que nasceu na população a tendência para um comércio paralelo às atividades agrícolas. Assim é que o comércio armazenense progride numa linha ascendente, proporcionando aos habitantes o alcance a todos os produtos industriais, provindos dos grandes centros.

O Município conta hoje com quatro mercados, só no centro, e oito minimercados; existem duas lojas de tecidos além de sete ou mais pequenas lojas; há também duas confecções, dando emprego a uma quantidade de costureiras. A cidade conta com duas agências de banco (Banco do Brasil e BESC), com um pequeno hotel, algumas casas revendedoras de materiais de construção e eletrodomésticos, algumas barbearias e cabelereiras, duas sapatarias, vários bares e restaurantes, inúmeros açougues e armazéns que se distribuem por todas as partes do município. Prestam ainda serviços dois postos de gasolina e de óleo, quatro oficinas mecânicas, além de outras instalações que consertam peças, motos, bicicletas, utensílios domésticos, aparelhos de som e televisão.

TRANSPORTES

Os meios de transportes, em Armazém, sofreram com o passar dos tempos uma mudança radical. A princípio o transporte de mercadorias era efetuado exclusivamente pelo sistema fluvial. Com a abertura do porto de Armazém pelo Sr. Antônio Diomário da Rosa inicia-se a primavera das canoas. Havia canoas de "todos" os tamanhos. A memória popular lembra ter havido canoas de transportes, cujos tamanhos ultrapassavam os dez palmos de largura e cinquenta de comprimento. Tais canoas, devido a profundidade do rio, que dava boas condições de navegação, possuíam uma fabulosa capacidade de transporte.

Alguns agricultores mais abastados tinham suas próprias canoas, ao passo que os que não as possuíam, vendiam a mercadoria ou alugavam uma canoa, para transportar seus produtos. "Eram conhecidos os canoeiros (homens que se dedicavam exclusivamente ao transporte fluvial) Luiz Brum e Manoel Maurício e outros, que compravam cereais dos colonos e os levavam para Laguna" (2)

Nesta época do transporte fluvial, não existiam estradas capacitadas para o trânsito, nem veículos motorizados. Então o carro de boi, a charrete, conhecida por aranha, algumas galhotas e carroças eram os veículos que se locomoviam em todos os caminhos e picadas da vila.

Com a abertura e o melhoramento da estrada que liga Armazém a Tubarão, começaram a aparecer os veículos motorizados, em substituição ao transporte fluvial. "Em 1928, Jerônimo Fraga e Pedro Caetano, este último também dono do primeiro automóvel de Armazém, iniciaram uma linha de ônibus, que transportava passageiros até Morrotes, em Tubarão, onde atravessavam a balsa, até chegarem ao centro da cidade. É curioso notar que a linha era feita num caminhão. Levavam aproximadamente três horas para chegarem de Armazém a Tubarão. Algum tempo depois, o Sr. Custódio Madalena comprou um ônibus e iniciou uma linha de Armazém até Tubarão. Esta já atravessava a balsa e ia até o centro da cidade de Tubarão". Cirino Aguiar, residente em Gravatal, teria comprado a Empresa de Custódio Madalena. Fala-se também do caminhão e do ônibus de José Gregório, do automóvel modelo "A" de Antônio Diomário da Rosa (o qual é considerado por alguns entrevistados como o primeiro automóvel de Armazém), do ônibus de Ernesto Boxa e outros veículos que tiveram o privilégio de registrarem as primeiras quilometragens nas estradas armazenenses.

Em 1961 nasce a "Empresa São Bonifácio", criada por Leopoldo Rocha, em sociedade com Nicolau Wensing. Esta empresa é ainda hoje exclusivamente responsável pelo transporte coletivo em todo município. Oito ônibus circulam o município, passando em certos bairros, fazendo linhas tanto para Florianópolis, via São Bonifácio, como para Tubarão, via Gravatal. O proprietário atual é o Sr. Zelindo Trento.

Ainda em relação ao transporte tem-se em Armazém alguns caminhões, contratados pela Souza Cruz, com o fim de recolherem o fumo manufaturado (trabalho manual) dos plantadores, levando-o ao depósito de fumo, que são da mesma empresa. Os puxadores de fumo, que se destacaram e se destacam são: Norvaldo Wensing, Jacó Defren, Luiz Paulo Corrêa e outros.

Além do transporte de fumo, existem ainda caminhões de frete variado e 23 carretas, que viajam para longas distâncias.

INDÚSTRIA

Dado à sua peculiaridade agrária, Armazém, no que tange a industrialização, não alcançou ainda alto nível de desenvolvimento.

O fator principal que fez com que nossa indústria não se desenvolvesse plenamente foi o fato da dependência de Tubarão, a que Armazém esteve anexado por muitos anos, como distrito.

Apesar de tudo a industrialização, embora incipiente, faz-se presente em Armazém.

As principais manifestações no setor industrial, surgidas no município, atuaram na parte de beneficiamento de madeira, fabricação de farinha, açúcar e cerâmicas. Ressalta-se, aqui, o aparecimento das serrarias, que a princípio funcionavam com a energia muscular e depois foram sendo construídas perto das quedas de água, para aproveitar a potência hidráulica. Tais serrarias remontam do início deste século. Em 1930 já existiam as serrarias de Onofre Pereira (no bairro de Sangra Morta) bem como a de João Crescêncio (no Sertão dos Corrêa).

Posteriormente surgiram as marcenarias e serra-fitas. As mais expressivas, na atualidade, são: a indústria Romi, de Rosalvo Michels; e a Jamada, de José Martins Damásio. São conhecidas também as de Pedro Machado Nunes, Jorge Ouriques, José Antônio Cardoso e Pedro Côrrea.

No campo da cerâmica marcaram presença as olarias de telhas e tijolos, que também desde cedo contribuíram para o desenvolvimento industrial. A atuação das mesmas foi tão intensa que existe um bairro no município com o nome de Olaria. Sabe-se que a gênese desta denominação provém da existência da primeira olaria do município, construída por Antônio Fagundes em 1922. As olarias ainda possuem na atualidade uma atuação exclusiva no campo da cerâmica. A mais desenvolvida é a indústria de "Telhas Rainha", de David Fauser.

Engenhos de açúcar e farinha existiam desde os primórdios deste século, atuando ainda hoje com certo grau de aperfeiçoamento. O povo conheceu muito uma "fecularia" de Antônio Diomário da Rosa. Era bastante movimentada, atuando na extração dos resíduos da mandioca, que eram comercializados com as fábricas de plástico de outras cidades.

No setor pecuário entra em pauta o surgimento dos matadouros e açougues, os quais ganharam corpo desde que Armazém perdeu o intercâmbio com os tropeiros serranos. Pois até então os serranos supriam, em grande parte, a população de charques, queijos e outros produtos da pecuária. Havia entretanto, alguns pequenos frigoríficos que correspondiam às necessidades da população. "Conhecia-se o frigorífico de porcos de Antônio Diomário da Rosa, que comprara de um "alemão" conhecido por Evaldo. Funcionava na sede (atual propriedade de Adílio Sebastião Corrêa). Existia também um matadouro de bois, de Antônio Nicolau Corrêa, que depois o vendeu para Ercílio Galdino da Rosa. Estes dois minifrigoríficos foram substituídos pelo frigorífico de Adílio Sebastião Corrêa."

O atual desenvolvimento municipal neste setor é bastante promissor. Tem-se vários açougues e matadouros de médio porte, dentre os quais o matadouro de Nelson das Neves se destaca, ocupando

o primeiro lugar. FASC, frigorífico de Adílio Sebastião Corrêa, que pelas construções e aperfeiçoamento técnico, recentemente efetuados, já possui um alto renome na região.

RIQUEZAS MINERAIS

O subsolo de Armazém, ainda não devidamente explorado, possui certamente uma gama de minérios dos mais estranhos, dos quais nunca ouvimos falar, passando da fluorite, que ora se torna comum, até as águas minerais de nosso consumo diário.

Estas riquezas minerais, que se encontram no subsolo de nosso vale (Cativari), ligam-se aos minérios do Vale do Braço do Norte, os quais foram depositados pelo vulcão do Rio Pinheiro (já mencionado), na era canozóica. O Território Braçonortense encontra-se em grande parte requerido pelos industriais de Criciúma e outras empresas americanas, por causa da euforia de encontrar grandes tesouros.

As primeiras buscas de minérios em nosso município foram iniciadas em 1957, por Otacílio Cardoso Duarte, acompanhado por Lindolfo Laurindo, ambos residentes em Gravatal. "Na aranha do fotógrafo Lindolfo, Otacílio ia percorrendo São Ludgero, Tubarão, Imauí, São Bonifácio, Rio Fortuna, Armazém, enfrentando sol e chuva, eram sustentados mais pelo entusiasmo do que pelos alimentos". Entretanto os moradores armazenenses, nesta época, haviam descoberto uma mina de pedra flourite em Armazém. Em 1955, Sebastião Corrêa encontra em terras de Antônio Marcolino uma pedra agradável visão. O cristal foi levado a Criciúma e, pelas análises feitas, constatou-se a existência de fluorite no local do achado. O terreno foi comprado por Ermiro de Moraes, o qual requereu a extração do minério, e, por técnicas um tanto rudimentares, iniciou-se a extração.

A exploração deste minério tornou-se significativo na década de setenta (1970), quando se extraíam cerca de quarenta toneladas por semana. Porém, devido a falta de segurança, responsável por inúmeros acidentes, interdito-se o extrativismo e até a mina permanece fechada. Quando se conseguir uma boa segurança, como pretende o explorador, o movimento extrativista retomará seu ritmo ascendente.

O senhor Balduino Schaden, residente em São Bonifácio, ocupa grande parte de seu tempo em aventuras de garimpo por todo Vale do Cativari: "Fui impulsionado por um forasteiro que fugia de Minas Gerais, em 1965, quando o acolhi em minha casa. Foi com ele que aprendi muito na arte do garimpo. Fui eu um dos principais

descobridores da recente mineração na serra do Taboleiro. Estive por todo o Vale do Capivari à procura de minérios. Existem, em diversos locais deste vale, vários tipos de minérios dentre os quais temos: barita, fluorite, calcita, cassiterita, berílio, etc."

Opiniões fazem crer que existem minérios prestes a serem descobertos nas cordilheiras entre São Geraldo e Sanga Morta (ambos bairros de Armazém). Por enquanto há apenas indícios de pesquisas e tentativa de requerimentos.

No tocante às águas termais, o município de Armazém, bem como toda a região dos vales de Braço do Norte e Capivari, possui abundância dessas fontes, contendo ricos elementos químicos como sejam: bicarbonato de cálcio, bicarbonato de magnésio, bicarbonato de sódio, cloreto de potássio, fluoreto de sódio e nitrato de potássio, que beneficiam ricamente a saúde.

Na referida região os lugares que possuem fontes deste mineral são: Termas do Gravatal, Sanga Morta, Rio Sete, Gabiroba, São Bonifácio, Rio Fortuna, Grão Pará, Rio Facão, Rio Chapéu, Rio dos Bugres, Rio dos Índios, Santa Rosa de Lima. Em Aratingaúba há uma fonte tida como a melhor água do mundo, distando apenas doze quilômetros da BR 101, inexplorada ainda.

As fontes de águas termais (conhecidas mais vulgarmente por águas mornas) de Sanga Morta começaram a ser exploradas em 1945, quando Fernando Cienovez, abastado senhor tubaronense, comprou o terreno local da fonte, de Luceano da Silva e construiu alguns banheiros e todo um aparato de construções para fins turísticos e terapêuticos. Contudo, embora tendo funcionado alguns anos, tal ponto turístico não prosperou. E hoje, em sociedade com alguns argentinos, está engarrafando e exportando as águas.

Uma outra fonte de águas termais existente em nosso município encontra-se no bairro de Mundo Novo. O local desta fonte, sendo propriedade de José Machado, foi comprada pela CASAN de Armazém, com o objetivo de utilizá-la na rede de abastecimento de águas do Município.

Graças a esta fonte, os habitantes de Armazém gozam do privilégio de servir-se abundantemente de água mineral em suas próprias residências.

LUGARES DO INTERIOR

Pe. Bernardo de Claraval - SCJ

Seguem aqui alguns dados sobre comunidades do interior do município. Pensamos de registrar os mesmos, enquanto ainda é possível encontrar pessoas que retêm fatos históricos na memória.

BOM JESUS

(Antigamente, Bom Jesus do Alto Capivari)

O primeiro a se localizar, nesta região, foi Caetano Demétrio, filho do baiano Manoel Lourenço Demétrio. Passou a residir próximo ao Rodeio do Bom Jesus. Depois chegaram José Eufrásio Corrêa e Victor Vieira. Em quarto lugar contamos com Henrique Westrupp, e, em seguida, com Manoel Eufrásio Corrêa. Em nono lugar apareceu Augusto Maes, proprietário da serraria junto ao salto. À direita do rio, morava Fernando Figueredo.

Quanto à vida religiosa, o povo frequentava inicialmente a igreja de São João. Mas, como ali dominava mais o culto em língua alemã, os moradores do Bom Jesus resolveram construir a sua própria igreja. No dia 24 de dezembro de 1922, na residência do Sr. José Eufrásio Corrêa, reuniu-se o povo para planejar a construção da capela dedicada ao Senhor Bom Jesus, localizar um cemitério e fazer uma escola. Estiveram presente as seguintes pessoas: Henrique Westrupp, José Eufrásio Corrêa e filhos, Aires Generoso Soares e filhos, Manoel Eufrásio Jerônimo Vieira, Pedro Nunes, Pedro Inácio Pires, Pedro, Manoel Antônio Pires, Virgínio Mello, Jerônimo Westrupp, José Manoel e Jerônimo Vieira de Aguiar, Augusto Maes, Manoel Justino Antunes, Pedro Teixeira, Gregório Westrupp, Manoel Claudino Machado e Antônio José Corrêa Sobrinho. O Sr. Henrique dirigiu a assembléia e muito se esforçou, depois, na conclusão das obras. Aos 13 de janeiro de 1924, foi celebrada, na igreja, a primeira Santa Missa pelo Pe. Gabriel Lux - SCJ, Vigário de Vargem do Cedro. De início a comunidade pertencia à Paróquia de Vargem do Cedro. Quando, porém, foi criada a Paróquia de Armazém, a área passou a pertencer à esta.

Quanto ao ensino chegamos a descobrir o seguinte: a primeira professora foi Dona Otila, vinda de Tubarão. A segunda professora foi a preta Dona Fortunata, também vinda de Tubarão. Depois lecionou Gregório Westrupp (de 1930 a 1933), que em seguida voltou ao seminário e ficou padre. Depois dirigiu a escola Dona Cristina Westrupp Doerner (1934 a 1958). Em seguida Dona Almira Doerner (de 1959 a 1982).

Na época da inauguração da igreja faziam parte da comunidade 55 famílias. Por volta de 1930 a 1936, houve uma grande evasão, devido à epidemia da malária na região. Hoje conta com 60 famílias.

Fontes: Informação oral e livro da História da Capela.

MORRO DE FÁTIMA

O lugar chamava-se anteriormente de Morro Seco e depois foi mudado para Morro de Fátima, devido à Padroeira da igreja.

O primeiro morador daqui foi Manoel Francisco, mais comumente chamado Mané Chico, mais tarde apareceu o segundo morador, Luiz Prá, construiu uma capela próximo à sua casa. Por volta de 1947, foi erguida outra capela, nas proximidades da atual. E, em 26 de junho de 1971, concluiu-se a construção da nova igreja.

A comunidade, primeiro, era atendida religiosamente pelos padres de Imauí. Hoje a área pertence ao município de Gravatá, mas o serviço religioso é realizado pelos padres de Armazém, cuja Paróquia se encontra incorporada.

Há duas entradas que conduzem à localidade: uma sobe por Gravatá e Varzea das Canoas e conduz a mineração de pirita, explorada nas proximidades; à outra via São Roque. A ascensão é bastante íngreme chegando a altitude de 460 metros.

Na década de 1960, a população contava de 30 famílias. Hoje residem aqui somente 22 famílias.

PEROBA

Eis a grande milenária e formosa Peroba. Seu tronco era grosso, de maneira que havia necessidade de cinco homens darem-se as mãos e esticarem os braços, para abraçá-la em volta. Ela existia a sessenta anos atrás em terras de Rodolfo Tomaz da Rosa; e foi ele que deu o nome ao lugar.

Rodolfo Tomaz da Rosa foi um dos primeiros moradores da Peroba. Outros, que passaram a morar ali, foram: Marcolino Dêtrio, José Cebola, Bernardo Neves, João Pedro Claudino, João Rosa, Manoel Vicente, Manoel Anacléto.

Como as famílias eram de vivência religiosa, resolveram levantar um cruzeiro, cercado em volta com estacas. Ali se reuniam as famílias para a oração em conjunto. Por volta de 1931, levantaram uma capelinha de madeira. Em lugar do sino, que não havia, colocavam um ou dois foguetes. Mais tarde penduraram um pedaço de trilho e, batendo com cabo de ferro, charrava os fiéis. Em 1938, foi levantada a atual igreja e adquirido o sino. Quem muito se esmerou como servente nesta construção, foi o Sr. Oliveira Martinho Cardoso. Aos 12 de outubro de 1988, foram celebrados os 50 anos de fundação desta igreja e recordadas as pessoas que participaram na construção. São estes os nomes: Antônio Alves, Antônio Onorato Pereira, João Pedro Claudino, Antônio Liberato, Manoel Vicente

da Silva, João Laurindo, Manoel Onofre Pereira, Rodolfo da Rosa, Pedro Carvalho, Amancio de Oliveira, Antônio Marciano, Joaquim Cardoso, Estefânio Malteso, Pedro Francisco da Silva, Oliveira Cardoso, Francisco Prudêncio, Antônio Eising, Antônio Vicente da Silva, João Onorato, José Onorato, Bernardo Neves, João Delfino da Rosa, Avelino da Silva, Manoel Zufina, Manoel Francisco Ferreira, Juca Virgínia, Virgínia Sebastião, Antônio Sebastião, Jorge Espíndola, Joaquim Espíndola, Manoel Marcílio Damásio e Custódio Cardoso.

Relativamente ao ensino descobrimos o seguinte: No começo o ensino foi particular. O primeiro professor foi o Sr. José Moraes, ocupando o seu lugar o Sr. Cantalício Moreira. De 1935 a 1965, ocupou o magistério Dona Nicota, cujo nome verdadeiro era Aria Corrêa Cardoso, esposa de Oliveira Martinho Cardoso.

SANGA MORTA

O nome "Sanga Morta" foi dado a localidade pelos serranos, que descendo pelo sertão, conduziam suas tropas por ali onde havia uma sanga que passou a se chamar "Morta" depois que deixou de verter água das bases.

Sanga Morta teve o início de sua colonização em 1870. Logo depois da Guerra do Paraguai foi doado a dois "Baianos" uma área de um mil braças de terra em quadra; mais tarde estas terras foram vendidas a outros, que aqui vieram se estabelecer. Entre os primeiros são conhecidos os Vitorino.

O livro "Vale do Braço do Norte" registra o seguinte fato: Vieram 6 homens de Sanga Morta e carregavam, em uma colcha, o Marcolino para fora do mato". Fato este que se deu aos 24/11/1875 (pg. 74-1.5).

Em seguida chegaram da Alemanha o jovem, Henrique Wensing. Henrique, nascido em 10/08/1839, quando ia ser convocado para o exército, fugiu num navio, junto com sua noiva Catarina Moellmann, nascida em 14/10/1842. Chegando ao Brasil, no Estado de Santa Catarina, veio à região de Armazém. Como achasse a área muito alagada e pantanosa, abriu uma picada até Sanga Morta. Fez um ranchinho, nas terras a leste do rio, no Morro, onde passou a morar. Henrique e Catarina, casados tiveram oito filhos, entre os quais Paulo Wensing, primeiro prefeito eleito de Armazém.

Mais tarde outros vieram se juntar e cultivar maiores áreas da localidade. No decorrer de 1900 a 1910, já se haviam estabelecido os seguintes moradores: Antônio Vitorino da Silva, Silvano Spindola, Manoel Felícia, Fortunato Floriano, José Floriano, Antônio Claudino, José Laureth, José Albino, José Moraes, Pedro Moraes, Antônio Rodrigues, Fortunato Moraes, Manoel Vitorino da Silva,

Crescêncio da Silva, Manoel Luiz, Guilherme Wensing.

Em 1910, apareceu pela primeira vez uma pessoa que sabia ler e escrever um pouco. Era o Senhor José Moraes. Pelos anos 1912 a 1915, chegaram Manoel Jacinto, Francisco Luiz Jacinto e Manoel Rodrigues, que em 1919, levantaram um cruzeiro e começaram a rezar o terço. Em 1920, chegaram Manoel Marcos de Campos e Manoel Marcelino Corrêa, que ambos sabiam ler. Em 1921 chegou o Senhor Zeno Michels, com vinte anos de idade e recentemente casado. Este sabia ler e escrever em português e alemão. Estes três últimos começaram a dirigir a oração do terço, ensaiar cânticos religiosos e cantar com o povo. Em 1923, chegou a família Guizone e então foi iniciada a construção da primeira capelinha.

Em 1924, chegou Paulina, filha do Sr. Guizone, que tinha feito seus estudos, e começou a dar aula particular. Ela lecionava em português, enquanto sua mãe dava aula em alemão. Em 1925 ou 1926, chegou o Sr. Manoel Philipe com sua família e aí iniciou a primeira escola, que prosseguiu até 1927. Um dos primeiros alunos que foi Paulo Wensing aquele que foi o primeiro prefeito eleito pelo povo, de 1959 a 1964. Com a saída dos professores em 1927, a localidade ficou sem aula até 1932. Em 1929 havia chegado o Sr. Gregório Michels, e Manoel Philipe que mandou outra filha fazer os estudos para professora. No entanto, de 1939 até 1941 a comunidade ficou novamente sem escola. A partir de 1941 a comunidade nunca mais ficou sem o ensino escolar.

Em 1951, deu-se a mudança da escola e da capela para o lugar, onde hoje se encontram. Em 1966, foi demolida a referida capela e, no mesmo lugar, construída a nova, bela e formosa igreja, inaugurada em 1976.

(1) - Histórico Sanga Morta

- Informação oral e placa no cemitério.

SÃO JOSÉ DOS MACACOS

O nome vem do ribeirão que passa por estas terras acidentadas e que tinha o nome de Rio dos Macacos.

Em 1900 veio para este lugar o primeiro morador, Manoel Constantino, casado com Constância Cardoso. Em seguida veio Bras Antônio Damásio casado com Maria Salasário (Maria Rodrigues).

Em seguida outros mais aqui se fixaram, entre os quais contamos: João Antônio Damásio casado com Maria Schmitter, Armandio Laurinho Idalécio casado com Ana Joana Idalécio, Damásio

Crescêncio Maximiliano casado com Tomásia Joana Crescêncio (o casal doou um terreno para igreja). Antônio Manoel Damásio casado com Leopoldina Rodrigues, José Floriano da Rosa casado com Pulcina Damásio da Rosa, Zeferino Pedro Martins casado com Maria Custódio Martins.

Mais tarde mais outros vieram para esta região.

Quanto ao ensino coletamos os seguintes dados: A data de início é de 1930, sendo primeiro professor o Sr. Bonifácio Pedroso. Depois dele deu aula Manoel Crescêncio e, em 1934, Tomaz Candinho. Este ensino era particular e pago pelos pais dos alunos.

SÃO GERALDO

O lugar chamava-se primeiro Moela. Dizem que é devido ao movimento de muita gente entrando e saindo, que lhe foi dado o nome Moela. Em 1954, Pe. Valentim Oening quis que mudassem esse nome, e assim foi substituído pelo do padroeiro da igreja, São Geraldo.

O primeiro a requerer terra nesta área, foi o Sr. Francisco Medeiros. Ele não morava ali e, como deixou de acertar o pagamento, não conseguiu a escritura.

Tais áreas foram invadidas por posseiros entre os quais lembramos: José Rael, João Onofre, José Francisco. Outras famílias que passaram a residir ali foram as de: José Vargas, Frontino Vargas, Baduca Manoel, Pedro Jacinto, José Pordença, Francisco Vitor, Francisco Isaias, Antônio Lorentino e José Francisco Apolinário.

Também Henrique Vieira da Silva fez o requerimento de outra área, mas não conseguiu legalizar. Seu filho, Pedro Vieira da Silva, doou mais tarde, um chão para a igreja de 50 m quadrados e outro para a escola de 25 por 30 m.

As missas, até 1960, eram celebradas na escola. Em 1956, o Cônego Bernardo Philipe, já havia pedido a construção de uma igreja. Só em 1960, ela foi inaugurada, pelo Pe. Isidoro Ghislandi. Quem muito se empenhou na construção foi o Sr. Pedro Vieira da Silva.

A escola no começo era municipal e começou, a funcionar em 15 fevereiro de 1945. A primeira professora foi a Sra. Margarida Nunes (preta). Em seguida lecionaram Terezinha Medeiros, Maria Cardoso, Terezinha Abreu Vieira, Maria José de Medeiros Figueredo (Maricotinha) em 1955, Maria Cardoso e Sebaldina.

No fim de 1960, a escola passou para o Estado. A primeira professora estadual foi Almerinda Abreu Vieira.

ASPECTOS FÍSICOS

Pe. Domingos Pereira Rodrigues SCJ

POSIÇÃO GEOGRÁFICA

Armazém se localiza na Região Sul do Estado de Santa Catarina, a uma altitude de 70 metros.

As coordenadas geográficas situam-se a 28° 16' 4" de latitude sul (distância em graus de qualquer ponto da terra em relação ao meridiano de Greenwich, no sentido leste-oeste). Com a superfície de 147 Km², tal fração territorial dista 180 Km da capital do Estado - Florianópolis. O centro comercial de grande envergadura e mais próximo encontra-se a 35 Km de distância (da cidade), sendo a cidade de Tubarão.

Como situar Armazém pela divisão regional do Estado? Tanto do ponto de vista geográfico como do ponto de vista sócio-econômico, podendo perceber a existência de duas grandes unidades no Estado:

- O litoral, composto pelas planícies costeiras, que constitui uma faixa de largura variável, nunca superior a 70 Km;

- O planalto ocidental, que possui uma altitude média de 850 metros, e que mergulha suavemente para o oeste.

Com a divisão do Brasil em unidades, chamadas microrregiões homogêneas, o Estado de Santa Catarina passa a ser agrupado em 16 microrregiões. Por sua vez, o Projeto Catarinense de Desenvolvimento (PCD) baseou-se em treze destas unidades, cuja divisão passou a vigorar a partir de 1964. A partir de então, Armazém passa da mesorregião de Laguna (chamada anteriormente de Zona Fisio-gráfica) para a mesorregião sul, que é composta pelas microrregiões de nº 299, 300, 301, 302 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Dentre estas, nosso município faz parte da microrregião de nº 300, também chamada de carbonífera.

Esta área abrange as bacias dos Rios Tubarão e Urussanga, que dissecando a escarpa da serra, formam uma zona de baixada, confundindo-se com a baixada costeira.

LIMITES

O município de Armazém localiza-se a aproximadamente 35 Km da foz do Rio Capivari. Seu formato, visto em um mapa ilustrado do Estado, assemelha-se a uma semente de cajú.

Este território atravessa, em transversal, de uma extremidade à outra o Vale do Capivari. Limita-se ao norte com São Martinho e ao sul, com Gravatal; a leste "encontra-se" com o município de Imauí e ao oeste, com Braço do Norte.

CLIMA

Situado a 70 metros acima do nível do mar, Armazém vive em meio a um clima temperado e pouco úmido.

Na estação do verão, os armazenenses ficam sujeitos a enfrentar temperaturas bastante elevadas, ao passo que no inverno suportam os intensos frios, na época das geadas. Os termômetros no verão, chegam a marcar 35°C, o que vem explicar as frequentes trovoadas que precedem as chuvas e os temporais. Por causa disso, a população procura proteger-se através do plantio de árvores nas imediações das casas, as quais servem, ao mesmo tempo, para fornecer sombra e obstaculizar os fortes ventos. Devido ao demasiado calor, os agricultores vão para as lavouras nas primeiras horas do dia, aproveitando o clima mais ameno, e retornam assim que o relógio e o ardente sol atingir das 11 - 11,30 h. Recomeçando à tarde, quando o sol vai declinando. Nestas horas mais quentes, os agricultores, além de descansarem descontraidamente, ocupam-se nas imediações das casas, com afazeres diversos, próprios de um interiorano.

Passando, depois de muitos dias, o angustiante calor, vai tomando lugar um novo clima: o frio.

No inverno, geralmente, as labutas das lavouras ficam mais escassas. Nesta época prepara-se o terreno para o plantio de fumo e outros produtos predominantes. Desta forma, os serões noturnos, que nos dias quentes eram aproveitados para afazeres diversos, se transformam em reuniões familiares que, ao redor de uma lareira ou fogão, afugentam o frio.

Evidentemente, além dessas duas estações, existem também as estações medianas, quais sejam a primavera e outono, onde o clima se torna mais agradável, no entanto, de duração reduzida.

HIDROGRAFIA

Armazém é ricamente irrigado pelo Rio Capivari e seus afluentes.

Plagiando o historiador antigo, Heródoto, que disse: "O Egito é um presente do Nilo", diríamos também: "Armazém é um presente do Capivari". De fato, como, veremos, foi o Rio Capivari que atraiu as primeiras fundações do município, e contribuiu para o de-

envolvimento do comércio e da agricultura, bem como da pecuária.

Este rio nasce na localidade de São Bonifácio, a uma altitude de 480 metros, quase no cume da serra onde faz divisa com as águas do Rio Cubatão.

Debaixo de uma rocha, na propriedade do Sr. Leonardo Weber, brota uma fraca vertente e forma um pequeno córrego. Seguindo o seu trépido curso, as águas deste pequeno riacho unem-se com as águas do seu primeiro afluente chamado Ribeirão das Pacas. A quatro quilômetros de sua nascente recebe águas de um segundo afluente, de maior envergadura, o Ribeirão Broker. Depois, vai encontrando consecutivamente o Ribeirão Moll, Ribeirão Buss, Ribeirão Bloner, Ribeirão Atafona, Ribeirão Ferro, Ribeirão Theis, Ribeirão da Areia, Ribeirão Canudo, Rio Poncho, Rio Lídio, Rio Sete, e o volume de água aumenta sempre mais, precipitando-se serra abaixo, numa fúria sem fim. Essas águas só vão conseguir um relativo sossego nos municípios de São Martinho e Armazém, quando tomam gradativamente as características de um rio de planície até a confluência com o Rio Tubarão.

Ao atravessar o município de Armazém, o Rio Capivari recebe águas dos seguintes afluentes:

- Rio Gabiroba, que faz divisa de Armazém com São Martinho. Este afluente recebe águas de dois ribeirões que nascem no município de Armazém. São eles: Rio Indaial, que fica próximo aos limites de Armazém com Rio Fortuna, e Rio Carolina.

DEMOGRAFIA

A população de Armazém, nos primeiros tempos, era constituída em sua maioria por lusos. Com o passar dos tempos, os descendentes de alemães passavam a fazer parte da sociedade, que começa a aumentar e progredir em todos os sentidos.

Analisando os censos demográficos, desde 1940 ao atual, pode-se concluir que houve um crescimento populacional gradativo até a década de 70. Tal crescimento é explicável pelo sensível aumento da taxa de natalidade, resultante da própria estrutura econômica. Pois grande parte da população vivia da agricultura, onde o número de filhos era um determinante fator de produção.

Desde meados da década de 70, devido ao surto emigratório, a população começa a decrescer e continua decrescendo ainda hoje.

Vejamos como houve uma oscilação dos números de habitantes nos diversos censos:

O censo de 1940 registrou 5.024 habitantes, sendo que 4.854 viviam na zona rural e 179 na cidade. Em 1950 a população au-

mentou para 5.524. Em 1960, Armazém possuía 6.227 habitantes. Esta linha ascendente continua até a década de 70, quando o município atingiu 7.119 habitantes.

É possível que nos anos subsequentes, em que o IBGE não fez levantamentos demográficos, o município tenha atingido índices superiores a este de 1970. A verdade é que, em 1980, o censo revelou uma diminuição sensível, registrando 6.144 habitantes no município, sendo que 1.217 residiam no setor urbano e 4.927, no setor rural. Portanto, menor que a população registrada em 1960.

Este "êxodo" sofrido pelo nosso município tem sua explicação na Industrialização Brasileira, que nesta época se generalizava, ocasionando o êxodo rural em grande escala por todo o país. De maneira que muitas pessoas foram tentar a sorte como operário, deixando a vida do campo.

Além disso, a estrutura fundiária de nosso município não apresenta latifúndios exagerados, mas predominam as médias e pequenas propriedades. Em vista disso, com o aumento populacional, que se verificou nos anos passados, a terra foi ficando escassa pelas partilhas "testamentais" e a agricultura não mais oferecia conforto e bem-estar.

Um outro fator, que merece ser ressaltado para justificar esta queda populacional, foi o surgimento do cultivo da soja. Quando o Rio Grande do Sul e o Paraná passaram a abastecer todo mercado existente e o consumo do óleo de soja passou a competir com o consumo da banha de porco, muitos colonos armazenenses, e de outros municípios interiores, que tinham sua principal renda nas "engordas" de porcos, abriram falência neste ramo.

Os centros industriais que mais receberam o contingente de migrados de nosso município foram sobretudo Blumenau e Joinville.

AS FAMÍLIAS RESIDENTES EM ARMAZÉM

Estamos transcrevendo os sobrenomes de nossas famílias. Constatamos que muitos prenomes passaram a valer como sobrenomes.

O que chamou a nossa atenção foi o sobrenome **Da Rosa**. Por curiosidade fomos procurando explicações e descobrimos que um membro desta família, residindo no Sul do Estado, procurou dados sobre a origem do nome. Seu empenho dirigiu-se até a Europa. E veja o que descobriu.

O sobrenome **Da Rosa** surgiu de um fato não comum. Quem o assumiu foi um homem que executou esforços extraordinários para ajudar a sociedade carente da época. Por isso o governo imperial de além-mar o destacou, oferecendo-lhe uma rosa de ouro. Em seguida passou a receber o nome de mérito: **Da Rosa**.

Nomes de Origem Lusa

Abreu	Esteves	Meiros
Aguiar	Espindola	Melo
Alexandre	Fagundes	Monteiro
Almeida	Faustolino	Moraes
Amaral	Felacio	Mota
Amorim	Felisbino	Muniz
Alipio	Fermino	Nascimento
Alves	Fernandes	Nazário
Ana	Ferreira	Neves
Anastácio	Figueredo	Nunbjo
André	Floriano	Nunes
Antunes	Fortunato	Oliveira
Araújo	Fraga	Patrício
Basílio	Freitas	Paes
Barbosa	Galdino	Passarella
Barcelos	Genovez	Pereira
Barroso	Gomes	Peres
Batista	Gonçalves	Pessoa
Bonfim	Honorato	Quadra
Borba	Idalicio	Rita
Borges	Jacinto	Raulino
Braz	Jesus	Rocha
Camilo	Justino	Rodrigues
Campos	Lapa	Rosa
Candido	Laurindo	Salazario
Carvalho	Leandro	Santos
Capariema	Lemos	Serafim
Cardoso	Luciano	Serafina
Cascais	Luz	Silva
Clemente	Luiz	Silvano
Coelho	Machado	Silveira
Corrêa	Marciano	Spindola
Costa	Marcilio	Sotério
Crescêncio	Marcelino	Sotero
Cruz	Marcolino	Sotfrio
Damaceno	Matias	Souza
Damásio	Mateus	Torres
Da Rosa	Martins	Vargas
Demétrio	Matos	Valentim
Dias	Maximiniano	Viana
Domingues	Medeiros	Vieira
Domingo	Mendes	Virginio
Elias	Mendonça	Vitorio
		Vitorino

De Origem Alemã

Arent	Effding	Klipper	Schmöller
Baasch	Eing	Knies	Schotten
Bach	Eisig	Kock	Schulter
Back	Eller	Kruel	Schumacher
Ballmann	Extekötter	Kunz	Selhorts
Beckhäuser	Faust	Luchtenberg	Schneider
Berkenbrock	Feuser	Maas	Sehnm
Böing	Fischer	May	Sic
Borger	Gardelin	Mayer	Steiner
Boll	Haerd	Meurer	Vanderlinde
Brodeck	Heidemann	Michels	Vandresen
Brotbeck	Heinzen	Nack	Voss
Bruening	Hellmann	Noverstet	Warmeling
Buss	Herd	Oening	Waterkemper
Defrein	Hoepers	Petry	Wenz
Defrey	Holthausen	Preus	Wiemes
Doerner	Horatz	Rech	Westphal
Dorf Müller	Knabben	Schmitz	

De Origem Italiana

Bianchet	Darela	Modolato	Rosso
Biancheti	Fileti	Modolon	Tramontin
Berti	Guzatti	Peron	Uliano
Cesca	Lole	Phillippi	Verona

De Origem Francesa

Bittencourt
Lemonge

De Origem Poloneza

Tibkowski
Dobkowski

De Origem Holandesa

Laureth
Israel

De Origem Dinamarqueza

Westrupp

Fonte: Dois livros de contribuintes do Município.